

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO
BRASIL (CPDOC)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

MARTINS, José de Souza . José de Souza Martins (depoimento, 2013). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (3h 25min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPQ). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

José de Souza Martins
(depoimento, 2013)

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Antonio Firmino da Costa; Celso Castro; Helena Maria Bousquet Bomeny; Maria das Dores Guerreiro;

Técnico de gravação: Ninna Carneiro; Thais Blank;

Local: São Paulo - SP - Brasil;

Data: 17/08/2013 a 17/08/2013

Duração: 3h 25min

Arquivo digital - áudio: 4; Arquivo digital - vídeo: 4; MiniDV: 4;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Cientistas sociais de países de Língua Portuguesa: histórias de vida”, com financiamento do Programa de Cooperação em matéria de Ciências Sociais para os países da comunidade de Língua Portuguesa (Programa Ciências Sociais CPLP) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Temas: Agricultura; Amazônia; América Latina; Brasil; Ciências Sociais; Classes sociais; Congressos e conferências; Direito trabalhista; Ditadura; Documentos fotográficos; Esquerda; Família; Fernando Henrique Cardoso; Florestan Fernandes; Formação de professor; Fronteira; Golpe de 1964; Igreja e Estado; Literatura; Luta de classes; Marcha da Família Com Deus Pela Liberdade (1964); Marxismo; Metodologia de pesquisa; Partido Comunista Brasileiro - PCB; Política; Portugal; Reforma agrária; Regime militar; Sociologia; Universidade de Cambridge; Universidade de São Paulo;

Sumário

Entrevista: 17.08.2013 Origens; a origem dos pais; a falta de escolaridade familiar; a família de carpinteiros; a ligação dos posteriores estudos com a trajetória familiar; a morte do pai; a ida para o interior com o padrasto; as dificuldades e a falta de horizonte para os estudos; o irmão e a profissão do mesmo; a volta para o subúrbio; a diferenciação de subúrbio e periferia; o início do trabalho nas fabricas próximas a própria casa; o trabalho na reciclagem de latas; os entendimentos de classe e as teorias posteriores; o esforço da mãe para o estudo de inglês; a venda de bananas enquanto não terminava o curso; a consequente mudança de empregos e a saída do curso; o trabalho na adolescência; a evolução do salário; o aprendizado dos direitos trabalhistas na fábrica; o secundário subsidiado pela mesma fábrica; a introdução no curso científico e o desinteresse pelas ciências naturais e o interesse pelas ciências humanas; a preferência pelo curso normal para ir para o interior lecionar; o vestibular pra a Universidade de São Paulo (USP); a decisão de cursar Ciências Sociais e a entrada em 1961; as aulas com Fernando Henrique Cardoso; as grandes personagens da USP; as opiniões políticas e suas influências quando da graduação; a diferenciação entre as organizações de esquerda; a linha político-cultural mais forte que a político-partidária; as Ciências Sociais e a política; os pontos negativos da separação das Ciências Sociais; o problema da disciplinarização e a extinção de certas disciplinas no curso de Ciências Sociais; a politização dos cursos das Ciências Humanas; as lembranças de 1964; a descrença no Golpe na Marcha da Família por Deus e pela Liberdade; o choque e as lembranças de 31 de março de 1964; primeiros momentos da ditadura militar; casos durante o início da ditadura como a tentativa de prisão de Fernando Henrique Cardoso; a anterior inocência e ignorância da importância e perigo do golpe militar; o processo de indiciamento de professores da USP; a prisão de Florestan Fernandes; a prisão sofrida em 1966; o prosseguimento dos estudos; a entrada para o mestrado; a nomeação para o mestrado por Florestan Fernandes; a entrada na USP como mestrando e docente; a falta de burocracia na defesa da dissertação; a personalidade de Florestan Fernandes; as dificuldades para a leitura durante a faculdade; outras personalidades do ramo acadêmico; o doutoramento; a busca por documentos alternativos para realizar os estudos desejados; o estudo da “cultura agrícola caipira”; os problemas ante a cassação de professores e o pensamento de sair do país; a mudança da tese; o fim do doutoramento; a grande pesquisa na Amazônia; a decisão de ir

para a Amazônia; a longa pesquisa sem fundos; as dificuldades do período da pesquisa; a preferência por pesquisas comparativas; a relação com os movimentos de integração com a localidade amazônica; as comunicações com diversas áreas para a proteção nas áreas de fronteira; a diferença das organizações dos diferentes povoados; as percepções da pesquisa na Amazônia; as organizações e casos específicos que chamaram a atenção; as diferentes distribuições sociais; as surpresas com determinados personagens; a situação de repressão aos povoados; as discussões sobre Reforma Agrária; os debates anteriores ao golpe de 1964; a opinião do Partido Comunista Brasileiro; as decisões do Regime Militar sobre o tema; a cronologia dos debates sobre a reforma; a mobilização da Igreja para o assunto partindo de outras preocupações; a crença militar em uma mobilização camponesa com os debates sobre a Reforma Agrária; a docência; os cursos ministrados na USP e o contato com os alunos; a percepção da “esquerdização” dos alunos e a consequente limitação teórica; o seminário permanente em torno da obra de Karl Marx; a posterior leitura de Lucien Febvre; as correspondências com Febvre e a admiração pelo autor francês; as vertentes sociológicas; a Sociologia da Vida Cotidiana; a dificuldade de discussão do tema no curso ministrado; a publicação de trabalhos de graduandos; o enquadramento do pensamento sociológico da USP; os contatos com profissionais de outros países; debates internos na USP sobre metodologia sociológica; a radicalização das Ciências Sociais; a interpretação equivocada dos estudantes sobre os escritos de Karl Marx; a interdisciplinaridade de Sociologia e Antropologia em Marx; a boa produtividade do seminário; as percepções da organização acadêmica; o bom período de aulas na graduação; a interação com o espaço urbano para contextualizar as aulas ministradas; a participação internacional; o seminário em Cambridge; os projetos de Reforma Agrária expostos no seminário; o contato com diversas nacionalidades; a volta a Cambridge como professor visitante; a ida para Flórida; a eleição à cátedra Simón Bolívar em Cambridge; a estrutura da Universidade de Cambridge e suas Faculdades; a participação internacional; a referência aos estudos iniciais de inglês na infância; a ida a Lisboa e os estudos da sociologia do cotidiano; o maior contato com as produções de cientistas sociais portugueses; a valorização da produção portuguesa; a Ciência Social contemporânea; a formação brasileira em Ciências Sociais; a diferença entre a Sociologia estudada e a atual; a interpretação para a ruptura da cultura intelectual de seu tempo e a atual; a diversificação de outras áreas das Ciências Humanas; as transformações e

ligações políticas e teóricas na USP; a percepção dos efeitos da ditadura; a nova visão sobre a Sociologia; o pensamento de a literatura ser grande base para a visão sociológica; o desconhecimento do Brasil pelos brasileiros; a comparação com outros países da América Latina; a preferência pela clássica literatura brasileira; os desafios atuais na Sociologia; as atividades recentes; os ensaios e poesias unidos a fotografia; a Sociologia Visual e a diferença na aplicação da mesma; a interpretação metodológica no uso da fotografia; conclusão e agradecimentos.

Entrevista: 17/08/2013

H.B. - Professor, muito obrigada, um agradecimento especial por sua disposição de voltar a USP. [risos]

J.M. – De vez em quando eu venho...

H.B. - Foi muito bom porque a gente ainda não tinha vindo aqui. De todas as maneiras vai ser uma conversa interessante, tenho certeza.

C.C. - Nunca tínhamos entrevistado e filmado aqui.

H.B. - Nós gostaríamos que o senhor começasse talvez pelo começo mesmo, falando um pouco da sua família, onde nasceu, primeira escolaridade até chegar a essa opção pelas Ciências Sociais.

J.M. – Começar como... nasci. Alguém, uma vez, foi entrevistar e...: “nasci”. [risos] Eu não sou a pessoa que tem uma trajetória que pudesse dizer: “meu destino era a universidade”. Certamente não é por aí. Eu sou de uma família de imigrantes, meu pai era português, veio lá do norte de Portugal, e minha mãe é espanhola, de modo que eu sou a Península Ibérica. [risos] Se encontraram aqui, pelas razões mais absurdas. Minha mãe foi mordida por um cachorro louco lá na roça, e veio se tratar no Pasteur, aqui em São Paulo. Eles têm uma hospedagem até hoje, porque vem muita gente do campo e tal. Estava lá uma futura tia minha muito interessada em arrumar uma noiva para meu pai, que já tinha passado da época de casar, então armou um encontro dos dois e levou minha mãe para almoçar na casa da minha futura tia-avó, no subúrbio operário. E foi aí que se conheceram. Se não fossem esses acasos... A gente fica discutindo as certezas da história, não é nada assim. Mas enfim, é uma família de trabalhadores, vindos na época da grande imigração; do lado paterno a minha família veio em 1912, fez cem anos no ano passado, e a família da minha mãe faz cem anos este ano. Somos brasileiros de cem anos. Minha mãe não teve escolaridade, meu pai teve, mas ele morreu muito cedo, eu tinha cinco anos de idade quando ele morreu, depois, mais adiante minha mãe casou também com um homem que veio da roça que ela já conhecia, lá do mesmo bairro rural dela, e que era analfabeto completamente. Portanto eu sou de uma família de pessoas sem escolaridade e que, portanto, não tinham a universidade no horizonte de jeito nenhum. Nessas famílias, isso entre os imigrantes era muito comum, a gente já nascia para trabalhar. E, na verdade, e logo cedo eles começavam a cobrar da gente que tratasse de trabalhar porque você tinha que pagar pelo fato de ter nascido. Eles não diziam assim, mas no fundo era isso aí. A gente já nascia endividado.

Tanto que, tem um fato cômico: eu acabei de nascer, meu pai me pegou no colo e já avisou a família que quando eu completasse 11 anos de idade, quer dizer, depois de terminar a escola primária, eu iria trabalhar na carpintaria do primo, era uma família de carpinteiros, é uma linhagem de carpinteiros. Depois eu trabalhei a documentação em Portugal, aquela coisa muito dos artesãos da Europa latina, você já nascia com uma profissão que você já herdava do pai, do avô, do bisavô. E assim foi. Só que acabei não sendo carpinteiro, mas me davam... Os presentes eram brinquedos de carpinteiro, então estava... Eu acho que o José até foi para ser um carpinteiro futuramente, não ter dúvida sobre a carpintaria. E aliás, eu gostava, viu? Era oficina dos meus tios, era uma pequena oficina de família. Era perto de casa, às vezes ia lá com meu pai, ficava brincando. É muito interessante. Eu cresci sentindo o cheiro de madeira. Mas não foi por aí não. Com a história da morte do meu pai, tenho um padrasto, nós acabamos indo para a roça. Ele só sabia fazer isso, ele era um excelente caipira, ele sabia tudo da cultura caipira. Aliás, recentemente fazendo um trabalho sobre Adolfo Coelho, que foi uma grande figura, chegou a ser objeto de muito interesse aqui na USP, por via dos linguistas, porque ele é o pai da linguística portuguesa, e foi muito influente no Brasil. Mas ele não foi influente como antropólogo, porque ele também era, e bom. E aquela tese dele que o fato de uma pessoa ser analfabeta, não quer dizer que seja ignorante, ela é muito verdadeira num país como o Brasil. O meu padrasto era totalmente analfabeto, eu mesmo tentei alfabetizá-lo, ele não conseguia fazer a letra “o”, que é uma coisa bem simples, ele tremia, porque ele era um homem de ferramenta, de trabalho manual e da roça, da enxada. Mas ele era... No meu primeiro volume do livro de memórias *Uma arqueologia da memória social*, ele é um personagem, apesar de todos os problemas que houve. Sobre a cultura rústica, ele era um erudito, ele sabia absolutamente... Ele era capaz de derrubar a mata, fazer a roça, fazer a casa de pau a pique, sabia a consistência do barro, como se faz uma casa para não cair, onde vai o fogão, ele sabia absolutamente tudo. Ele sabia fazer pólvora, que é uma coisa que já se perdeu no Brasil. Eu só fui encontrar isso na Amazônia fazendo pesquisa, o pessoal usando carvão da pricteira imbaúba para misturar com não sei o que e tal, e fazer pólvora. Isso é da época dos portugueses no Brasil colônia, ele era claramente originário da mestiçagem indígena. Visivelmente era um remanescente da escravidão indígena, que existiu formalmente até século XVIII, tinha cara de índio mesmo, e guardou toda aquela cultura que foi a cultura do período colonial. Ele era um homem cultíssimo. Pena que eu era criança demais e não aprendi mais com ele. Teria sido interessante. Mas, enfim, esse é o cenário. Quando eu terminei o curso primário, fiz parte do

curso primário aqui no subúrbio e depois o restante na roça, em Guaianazes, quando Guaianazes era roça mesmo, quer dizer, era uma estação de trem com duas ou três ruas, lampiões de querosene na rua, não tinha eletricidade e a gente morava... Meu padraсто era caseiro num sítio, na fazenda Santa Etelvina, que hoje é a periferia da zona leste, cidade de Tiradentes, é tudo na fazenda Santa Etelvina. Naquela época ainda era a fazenda, era a roça. Eu andava 16 km por dia para ir à escola e voltar, sem lanche, sem nada, não tinha. Não tinha café da manhã, café era café preto, pão era farinha de milho, enfim, não estava no meu horizonte nada disso aqui, de universidade.

H.B. - E teve irmãos?

J.M. - Tive um irmão. Meu irmão foi para fábrica. Minha mãe achava que ele não era inteligente – na verdade ele era mais inteligente do que eu – e ela botou numa escola industrial, que foi a sorte dele; na época em que você ser um operário qualificado, que é mais ou menos a época do Lula, e a profissão a mesma. Meu irmão é ferramenteiro especialista em ferramentas leves de alta precisão. Quando ele se formou havia três ou quatro em São Paulo. Que era uma coisa como o Lula também. Ele gostava de trabalhar, não era o malandro que a minha mãe dizia. Mas gostava de ganhar dinheiro também. E ganhava. Ele ganhou muito bem. A primeira televisão que houve em casa foi ele que comprou, ele refez a casa com o salário dele de criança, porque ele era menor de idade ainda. E quando ele se enchia com a empresa, por qualquer motivo, não podia fazer desfeita para ele, que ele pedia demissão. Ia para casa e ficava lá deitado. No dia seguinte de manhã, tinha quatro ou cinco empresas na porta de casa, fazendo ofertas para ele ir, porque ele era uma raridade, era um proletário raro. Eles ganhavam muito bem. Hoje essa profissão não existe mais. Se o Lula tivesse que voltar para a fábrica, ou meu irmão, eles ficariam desempregados, não existe mais a profissão. Hoje é computador que faz tudo que eles faziam, e era uma profissão *lindíssima*. Eu tenho objetos que meu irmão fez quando estava na escola industrial, é lindíssimo aquilo. Nós somos uma família de artesãos, então a cultura do artesanato é muito valorizada na ideologia da família, vamos dizer assim. A gente sempre se pensa através dessa coisa de fazer com as mãos e tal. Aí voltamos, terminei o curso primário em 1949, em 1950 a gente já estava de volta no subúrbio, no mesmo lugar onde a gente tinha morado, e aí eu já fui trabalhar.

C.C. – Uma pergunta. O senhor já mencionou, mais de uma vez, a palavra *subúrbio*. Na época essa era a caracterização, *moramos no subúrbio*, ou isso já é uma categoria posterior?

J.M. - Não, não. A estrada de ferro se encarregava disso. [risos] Porque é “trens de subúrbio”. Não existia periferia. Ninguém falava em periferia. Periferia é uma invenção política da época da ditadura, aí a esquerda começa a trabalhar essa diferença, a ideia de exclusão, é um conjunto de ficções conceituais produzidas que, na verdade, não tem nenhuma consistência, nenhuma delas, aqui entre nós. E o subúrbio era subúrbio mesmo, as pessoas... era a diferença entre cidade e subúrbio. Cidade era o centro de São Paulo.

C.C. – O senhor escreveu um livro com esse título. Mas na época, ser suburbano já era...

J.M. - Não, ser suburbano ninguém usava. Eu moro no subúrbio, e o trem, na estação tinha “trens de subúrbio”. Até hoje se você for para Paranapiacaba que é o extremo da linha suburbana, que não tem mais o trem até Paranapiacaba, na estação ainda tem uma velha placa com a flecha assim: subúrbio.

C.C. - No Rio também.

J.M. - Mas no Rio é mais, do que São Paulo.

C.C. – Mais?

J.M. - O conceito de subúrbio é mais antigo e mais ativo do que em São Paulo. Em São Paulo quando deveria começar a pegar como pegou no Rio, já se diluiu completamente por uma porção de características. Começa se falar em periferia.

C.C. - Periferia no Rio não se fala. Suburbano só.

J.M. - Periferia é uma coisa ofensiva. Eu acho que ofende as pessoas, mas enfim. Aí fui para uma fabriqueta. Naquela época existia plano-emprego que é uma coisa que a gente já não conhece. Não tinha desemprego, ninguém ficava desempregado. Pelo menos no subúrbio operário, não. Se alguém perdesse emprego, fosse demitido ou se demitisse hoje, no dia seguinte já estava colocado, porque corria a voz entre as pessoas, avisavam, estão precisando de alguém para fazer tal coisa naquela fábrica. A minha casa era rodeada de fábricas, grandes fábricas.

M.G. – De algumas atividades industriais em particular ou...?

J.M. - Não, era tudo misturado. Bem na frente da minha casa tinha uma fábrica de móveis. Na rua ao lado, tinha uma fábrica de galalite, é uma coisa que nem se usa mais essa palavra, que era um plástico.

C.C. - Usava-se para aqueles joguinhos de botão. Galalite.

J.M. - E também para fazer tomadas de coisas. Tinha uma fábrica grande desse negócio. Tinha uma fábrica de louças, pratos, travessas, e tal; tinha a fábrica de botões que minha mãe

trabalhou que fazia botões de osso e madrepérola, concha do mar; tinha uma fábrica de velas muito grande; atravessando a linha do trem tinha o complexo das fábricas do Matarazzo, que eram quatro ou cinco fábricas num enorme terreno, e, bom, andando um pouquinho mais havia várias outras fábricas. Nenhuma era... Podia haver a mesma profissão requisitada nas várias fábricas, um torneiro mecânico, um faxineiro, alguém da limpeza e tal.

M.G. - E o senhor foi trabalhar para que...?

J.M. - Era um operário que tinha uma fabriqueta no fundo do quintal, meio quarteirão da minha casa. Ele reciclava latas de óleo de cozinha. O homem do ferro velho saía catando isso, vendia para um depósito, o depósito vendia para ele porque ele comprava em grande quantidade. Ele não trabalhava na fábrica, eu era o proletário dele. A mulher dele e eu. Éramos o proletariado dessa fábrica de dois proletários. Ele era um operário qualificado que trabalhava e ganhava muito bem numa outra fábrica muito grande. E a gente tinha que abrir essas latas, tinha uma máquina – tudo ele tinha inventado. Ele inventou todas as máquinas da fábrica dele, inventou, criou, montou com peças velhas, não sei que. Nesse tempo isso era possível. O operário dessa época era um artesão, na verdade, *ainda*. Então tinha uma máquina muito perigosa que ele inventou que cortava a tampa da lata dos dois lados, e depois... – isso a mulher dele fazia – e depois eu tinha que pegar essa... ficava aquele canudo e, se vocês olharem na lata de óleo tem uma costura do lado soldada, eu tinha que cortar aquela costura fora, isso era num... tipo guilhotina. Só que eu era muito pequeno, muito miúdo, então eu usava o peito, me jogava em cima da guilhotina e meu peito afundou. Eu tenho uma lesão operária, fabril no corpo, uma marca bem visível. Porque todo dia, o dia inteiro fazendo aquilo, eu acabei me danando todo.

H.B. - Foi um período fora da escola, não?

J.M. - Não, eu tinha terminado a escola, tinha terminado o curso primário e naquela época nem se falava em ir para o ginásio. Quem ia para o ginásio era filho de rico, não tinha essa...

M.G. - Que idade tinha então?

J.M. - Onze anos de idade.

M.G. – E esteve com esse trabalho?

J.M. –Eu fiquei um ano nessa fabriqueta. E ganhava... Eu me lembro que eu ganhava Cr\$ 100 por mês. E o primeiro salário que eu... Cr\$ 100 era, o que? Sei lá, era muito dinheiro, mas era muito menos do que a lei mandava. Era um operário que explorava outros operários. Por isso na minha cabeça nunca passa essas fantasias sobre classe operária, isso tudo... Aqui não, comigo não. São iguais a todos os outros, são relações de interesse, ponto final. Existe uma

situação de classe, claro, dá para fazer grandes explicações em torno disso, mas não dá para enganar ninguém. Cada qual com o seu. Nem o Lula, está certo? [risos] Bom, aí eu trabalhava de macacão, era seis dias por semana, era um trabalho muito sujo. Além disso, eu tinha que lidar com ácido, porque aquela... O rótulo da lata tem que ser removido e isso é removido com ácido, tinha que dar banhos de ácido. Era um trabalho bestial para uma criança de 11 anos de idade. Não tinha fiscalização, até hoje não tem. Depois de um ano minha mãe achou que não estava ganhando bem, resolveu me tirar do emprego. Ela queria que eu fizesse um serviço limpo, porque ela que tinha que lavar o macacão, e ela trabalhava numa fábrica, também tem isso, não é que ela ficava em casa, minha mãe trabalhou 50 anos em condições horríveis, foi lesada em todos os direitos dela. Ela foi registrada em carteira, quando ela precisou se aposentar porque já estava muito doente, pelo presidente do Tribunal Superior do Trabalho, à revelia do patrão. Ela ganhou em todas as instâncias, ele recorreu em todas as instâncias e foi levando até que o presidente do Tribunal Superior do Trabalho, já que o sujeito se recusava, a carteira dela tinha um carimbo todo especial, toda uma história. Então ela não queria continuar lavando o macacão, ficava muito sujo de óleo, de graxa, de tudo quanto é porcária, ácido e tal. Então ela achou que eu devia ser talvez escriturário, ajudaria muito. Só que ser escriturário você precisava saber escrever a máquina, precisava saber algumas coisas básicas. E como ela não tinha escolaridade, ela sabia ler e escrever porque ela foi alfabetizada pela mãe, mas ela então achou num jornal... A carne vinha embrulhada em jornal, vinha um papel limpo e depois o jornal por cima, e no jornal ela achou uma propaganda de uma escola perto dos Campos Elísios em São Paulo. Não é nem subúrbio, tinha que pegar o trem e ir lá. Era uma senhora alemã finíssima que dava um curso de inglês, taquigrafia, e datilografia, num palacete dos Campos Elísios. Era uma escola da elite. Minha mãe gastava o salário dela para eu ir lá. Ela me matriculou num curso de inglês, era uma professora inglesa mesmo, e ao mesmo tempo no curso de taquigrafia em inglês. Ora eu não sabia inglês, como eu poderia... Era um palacete, é o único o palacete da elite cafeeira que eu vi na minha vida, ao lado do palácio dos Campos Elísios. Era *lindíssimo*. Eu só ia mesmo, primeiro porque tinha a viagem de trem que eu achava linda, e depois porque entrava naquele palacete que era totalmente diferente da minha pobre miserável casa. Só que não dava, era tudo gente muito, super, enfim... [risos] Não era a minha gente, entendeu? E eu estava ali fora do lugar. Sabe quando você se sente *fora do lugar*, ou sem calça, sem camisa, sei lá o que. Aí eu fui levando. Até o dia... Nessa altura eu comecei a vender banana na rua, que minha mãe sempre quis... ela quis ficar rica a custa dos filhos, era uma ótima pessoa, uma

santa mãe, mas ela achava que filho era para isso mesmo, está certo? E ela achava que comerciante podia dar. Enquanto não fosse escriturário, sendo comerciante... Um dia ela chegou para mim e me deu C\$ 10, tinha uma carriola dentro de casa, um carrinho de mão, que era pesado pra cachorro. Ela falou: “você vai no depósito de banana, você compra um cacho de banana e você sai vendendo essa banana aí que de tarde eu quero o meu dinheiro de volta”. Eu fui. Primeiro nem sabia como vendia banana, dinheiro eu sabia o que era. Eu não gosto de banana, eu odeio banana. E não é só por isso, é por várias outras razões. Aí lá fui eu para o tal depósito, até que o homem, eu menininho, ele ficou com pena de mim, então ele me ensinou, cortou as pencas para mim e tal, e eu saí vendendo. Fui batendo de casa em casa, depois de umas duas horas eu tinha vendido um cacho de banana. Eu tinha gasto os C\$ 10 dela, e eu tinha ganho C\$ 20. Então lucro líquido de 10%. Eu era o Tio Patinhas do subúrbio, entendeu?

C.C. – 100%

J.M. – 100%! O meu futuro estava garantido, mas nem o Tio Patinhas com a moedinha dele. Era uma fábula aquilo. Aí todo dia eu fazia isso. Depois, eu comecei a ficar ambicioso, isso foi uma coisa grave na minha vida: eu recebia o dinheiro, comprava outro cacho e ia para uma porta de fábrica perto de casa – naquele tempo muitos operários comiam pão com banana. Até havia uma lenda que o Matarazzo tinha ficado muito rico porque ele só comia pão com banana. Ele economizava tudo, não é comer coisas finas, era pão com banana. E era verdade, os operários levavam para a fábrica num filão de pão, como era chamado, cortavam no meio, e compravam de mim três bananas, enfiavam dentro, era o almoço deles. Eu vendia outro cacho de banana nessa uma hora de almoço dos operários da fábrica. Estava ganhando muito dinheiro. Mas a tal professora, claro, ela notou que eu ia malvestido, ela era inglesa, e ela perguntou para mim o que eu fazia, quem era eu, afinal? Ela era inglesa e nós não tínhamos sido apresentados. [risos] Sempre me lembro de um filme que eu vi quando era menino, que é *Livingstone e o Dr. Stanley*, o jornalista Stanley, em que o Stanley no meio da selva africana, naquela puta selva, encontra o Livingstone, e diz: “*dr. Livingstone, I presume*”, só podia ser ele. [risos] Então eu fui apresentado, ela estranhou, quis saber o que eu fazia, eu disse: “eu vendo banana na rua e tal”. Ih, a mulher... Porque ali só entrava gente... Naquela escola era todo mundo muito bem servido na vida. E ela comentou, em inglês, com uma outra professora na salinha em que eu me exercitava numa máquina de escrever, ela comentou, e eu entendi o suficiente. Estavam rindo de mim, porque eu vendia banana. Aí eu cheguei em casa, avisei: “não vou mais. Não é o meu lugar, assunto encerrado”. Minha mãe ficou brava, tinha gasto dinheiro... “não”. Aí fui

tendo outros empregos, pequenos empregos e tal, e finalmente o meu padrasto que trabalhava numa grande fábrica do ABC, a Cerâmica São Caetano, ele era operário braçal. Ele também achava que eu estava ganhando pouco, eles queriam dinheiro em casa e o dinheiro não era suficiente. Ele arrumou um emprego para mim. Eu já trabalhava como office-boy na Associação Comercial, que era pequenininha. Aí eu ganhava C\$ 200, eu tinha todo um progresso enorme na minha vida, C\$200. E ele perguntou na fábrica se tinha um lugar para um moleque esperto, inteligente, aquela coisa que todo pai diz que quer encaixar os filhos. Aí o chefe do pessoal – era uma fábrica de quatro mil operários, não era uma fabriqueta, era uma fábrica de verdade. Aí eu fui lá, faltei no trabalho e fui lá. O sujeito me tratou muito bem, fez um monte de perguntas, enfim, tive que fazer exames médicos, aquela coisa toda, e disse: “o emprego é seu”. Era para servir café num dos escritórios de engenheiros lá, limpar os móveis, entregar papel, chamar os engenheiros, eu andava o dia inteiro. Por isso hoje eu tenho as pernas muito compridas. Aí eu fui ganhar C\$ 600. O dia que ele me arrumou emprego, foi a *vingança* da minha vida. Eu voltei lá no trabalho para pedir a conta, avisar que não ia mais trabalhar. Que eu tinha tirado uma a carteira de trabalho, que havia uma carteira do menor que trabalha, que era vermelha, ele nunca me registrou. “Para que isso?”, “para o senhor me registrar”. “Ah, deixa aí”. Pois lá. Aquela carteira ficou um ano. Eu trabalhei uns dois, três anos, ficou lá. Aí voltei para ele, eu falei: “olha, eu quero a minha conta, estou indo embora”, “mas porque você quer a conta?”, “porque arrumei outro emprego”. Ele quis saber que emprego era e tal, e me disse: “é você veste um santo e desveste outro”, eu me lembro bem da frase que ele usou. Falei: “ah, mas o santo de lá paga melhor”. [risos]. O santo de lá é mais santo, eu ia ganhar C\$ 600, registrado, e com todos os direitos. Foi a fábrica que me ensinou quais eram meus direitos trabalhistas. Eles me deram um livro para me ensinar quais eram os direitos que eu tinha. Claro que me ensinaram também os meus deveres, não é bem assim. Mas eu tinha meus direitos. Não podia trabalhar nenhum minutos a mais, se trabalhasse um minuto a mais, eu tinha que marcar num papel, e eu marcava, e eles no fim do mês contavam os minutos e pagavam em dobro, que a lei manda pagar em dobro, era como hora extra. E aí eu descobri o que é uma empresa de verdade. Porque eles me pagavam... Naquele tempo 13º salário não existia ainda, ele só vai existir em 62. Eu entrei na fábrica em 53. Eu recebia o 13º salário em dezembro, depois para minha surpresa lá para março, abril eu recebi a minha parte nos lucros da empresa, então eu tive um 14º salário, um envelopezinho, a gente recebia em dinheiro mesmo. E quando foi outubro, no Dia da Criança, lá era chamado *Dia do Menor que Trabalha*, tinha uns 400

moleques que trabalhavam na fábrica, tinha meninas também. Os menores paravam de trabalhar ao meio-dia, almoçavam, depois as duas horas começava *uma festa* no refeitório. Festa para criança, com refrigerante, bolo, doce, sanduiche, música, e um discurso imperdível este, assisti umas duas ou três vezes, sobre as virtudes redentoras do trabalho. Claro. [risos] Uma advertência, era importante trabalhar, não ficar por aí batendo perna, sem fazer nada, porque o trabalho... Naquela fábrica era verdade. Era uma fábrica em que havia três gerações de operários, das mesmas famílias. Os pais queriam que os filhos ficassem lá, e que os netos ficassem lá, porque eles eram supercorretos, tal. E eles me mandaram estudar. Foi essa... Eu fiz um curso noturno, pago, era uma escola paga, uma escola particular. Meu secundário foi a noite pago pela empresa, e era uma pessoa da empresa que olhava minha carteira escolar, para saber quais eram minhas notas, o que estava havendo aqui; eu podia estudar na fábrica quando não estivesse entregando papel, servindo café, eu levava meus livros, e meus cadernos e ficava estudando. Me deram um senhor apoio. Eu cresci, me tornei adulto nessa fábrica. E a partir daí que eu fui estudar. Depois de terminar o secundário, eles me puseram no curso científico, aí já a coisa ficou complicada. Não era minha praia, porque tinha uns cursos pelos quais eu não tinha nenhuma admiração, embora a fábrica fosse altamente motivadora para cursos na área de Química, de Física, Matemática e tal.

C.C. - Havia opção pelo científico e o clássico ainda, não é?

J.M. - Científico e clássico.

C.C. - O senhor que optou?

J.M. - Não, o científico era o mais provável. A fábrica não via sentido em optar pelo clássico. Mas aí eu comecei a ver que não ia dar muito certo. Nessa altura eu já estava mordido por outras coisas. Eu comecei a ler muito. Tinha biblioteca pública lá no lugar, eu comecei a ler. A própria escola estimulou, e eu comecei a sentir uma certa inclinação por aquilo que hoje a gente chama por Ciências Humanas. Mas o meu sonho mesmo era ir para a roça, ser professor primário numa escola de roça. Isso era uma fantasia muito forte, porque tinha estudado na escola de roça, eu sabia o que era, e eu estava muito identificado com a ideia de fazer melhor numa escola de roça do que meus professores na roça fizeram. Eu entendia porque eu era da roça, eles não eram. Então eu fui... Naquele tempo para entrar na escola normal, tinha que fazer vestibular. Para entrar no secundário tinha que fazer o curso de admissão, exame de admissão, depois o vestibular para escola normal, depois vestibular para universidade. Eu passei a vida fazendo exame. E aí a questão é que o curso normal só existia durante o dia e eu tinha que

trabalhar durante o dia. Fiz o vestibular, passei, e aí eu tinha que tomar minha decisão. Aí não tinha outro jeito. Falei, vou enfrentar um período difícil, fiz vestibular numa escola pública, numa *excelente* escola pública. Naquele tempo as escolas normais e secundárias aqui do estado de São Paulo tinham um corpo docente que vinha aqui da USP. A USP foi feita para formar os professores, então eles eram excelentes.

H.B. - Não era muito comum um rapaz fazer o curso normal.

J.M. - Já não era comum. Eu entrei, pedi demissão na fábrica...

H.B. - Eu fiz o curso normal, não tinha um colega de turma.

J.M. - Quando eu entrei nós éramos dois numa turma de 40. E continuou assim até o fim do curso. Não tinha... Houve um momento que até o diretor quis que eu me transferisse para outra escola, “porque isso é uma escola de mulheres”. Aí eu disse: “aí, não, professor. A lei não faz essa distinção e eu preciso *dessa escola aqui*. O senhor não faça isso porque aí eu vou criar um caso muito sério com a escola, eu vou pôr em debate essa questão”. Porque se ele me transferisse eu não ia poder fazer o curso, era muito longe a outra escola. Então eu acabei fazendo o curso normal, convicto de que eu ia para a roça, que era uma coisa que eu queria mesmo. Não é que, bom, não tem mais nada para fazer, não. É que eu queria ser um professor na roça. Já tinha até o lugar em vista e tudo isso. Mas o curso normal tinha Sociologia, tinha um *excelente* curso de Sociologia, tinha... a professora de História era excelente, era uma *erudita*. Ela não usava quadro negro, nada, nada, ela era gordíssima. Ela sentava e fazia uma conferência erudita sobre o tema daquela aula, com uma *tremenda* erudição. E trazia livros da casa dela e emprestava para cada um para ler. Eu fui ler, eu comentei isso naquele outro livro, *O Valeroso Lucideno*, que é um livro do século XVII, sobre o Brasil holandês, um depoimento de um frade lá e tal. Eu até disse: “Dona Margarida, mas não tem outro livro? Tem que ser esse...?”, “Não, você leia, e depois você vem conversar comigo.” Porque eu fui ler um documento, na verdade. Chegando já quase no fim do curso começaram a me falar, mas porque você não vai para a universidade, tenta. Falei: “mas eu queria ir para a roça”. Só não disseram: “a universidade é igual a roça”, que no fundo é. [risos]. Aí eu falei: “bom, vou fazer o vestibular”. Fiz o vestibular, eu fiquei em dúvida entre História e Ciências Sociais. Naquele tempo tinha um programa de conferências na Biblioteca Municipal de São Paulo, e houve um ciclo sobre cursos na universidade, era um ciclo para despertar vocações e tal. E eu fui, assisti todas as conferências, e quem me convenceu a fazer Ciências Sociais foi a conferencista de Psicologia. Que era d. Noemi Silveira Rudolf, que era uma grande psicóloga social aqui da

USP, em vez de me atrair para psicologia, ela me atraiu para ciências sociais. Aí eu fiz vestibular.

H.B. - E quem era a professora de Sociologia?

J.M. - D. Araci Ferreira Leite. Era uma mulher *enorme*, muito divertida, e muito animada. Eu li *O homem*, de Ralph Linton, na escola, no primeiro ano da escola normal. Coisa que quando eu entrei na universidade os alunos não leram nem no primeiro ano da universidade, aquele manualzão que dá uma visão de conjunto.

C.C. - Teve muitas edições, não?

J.M. - Muitas.

C.C. - O senhor fez a graduação aqui, em 61 até 64, quando se formou. Gostaríamos que falasse um pouco dessa experiência da graduação, bacharelado e licenciatura, o senhor fez?

J.M. - Fiz bacharelado e licenciatura. Aqui quase todos faziam, porque a ideia era ir para o magistério, principalmente. Não havia carreira de pesquisador. A probabilidade de algum se tornar um professor na universidade era muito pequena. Quem recrutava era o catedrático, ele convidava quem ele achava que tinha as qualificações e tudo mais, então era, sei lá, a chance de alguém ser convidado, vocês podem imaginar que era um em cada dez anos. Que era uma escola relativamente pequena. Eu fiz o curso com professores... Meu primeiro professor de sociologia foi o Fernando Henrique Cardoso. Ele entrou na sala de aula, ele era bem jovem, e era bastante... Não é presunçoso, ele sabia o que ele era, entendeu? [risos] isso é sempre importante, não é, a pessoa saber o que é, e ele sabia o que ele era. E aquele professor que puxa para cima, ele não puxa para baixo, não é para humilhar ninguém, ele puxava para cima, e ele era muito divertido apesar das pessoas dizerem que não. Era um professor que mandava fazer seminário, além das aulas eruditas que ele dava. Dia de seminário, ele dava um tema para o aluno e ele ficava sentado lá no meio, como se ele fosse aluno e ele fazia perguntas, estimulava os outros, “mas ele não disse tal coisa e tarará”, enfim, era um grande professor, ele é um grande professor. Foi uma perda ele ir para a política.

C.C. - Ele era o assistente do Florestan.

J.M. - O primeiro assistente, era chamado o primeiro assistente.

C.C. - Nós o entrevistamos para esse projeto.

J.M. - Foi, não é? Ele era um excelente professor. Eles eram todos. Depois fui aluno do Ianni, que dava aula no segundo ano, do próprio Florestan que dava aula no fim do curso, fui aluno da Marialice Foracchi com quem depois eu trabalhei, da Maria Sílvia de Carvalho Franco que

também... Na Sociologia era um grupo excelente. E havia uma segunda cadeira, que tinha sido incorporada quando a USP foi fundada, que é a cadeira que veio do Instituto de Educação, a cadeira do Fernando de Azevedo, que foi um dos fundadores da USP. Que era mais um homem ligado à questão da educação, à sociologia da educação. Eu conheci o Fernando de Azevedo, mas não fui aluno dele, ele já tinha se aposentado. Ele aparecia na faculdade. Era vitalício e ele gostava de usar os privilégios de vitalício dele. A última vez que ele usou foi quando houve a cassação dos professores, ele estava quase cego, veio com o Cadillac dele dirigindo pelas ruas de São Paulo, entrou na congregação e meteu a boca nos professores, os catedráticos que aceitaram a cassação dos docentes da USP.

C.C. - Figura admirada, então?

J.M. - Foi, foi. Ele era muito corajoso. Ele teve brigas homéricas, ele teve uma briga com o Jânio Quadros, que andou querendo meter o nariz na universidade, foi também muito séria. Eles eram... Esse grupo fundador da USP era muito *proud*, eles eram muito orgulhosos da obra que eles fizeram e eles não admitiam que metessem a mão aqui dentro. Era só isso. “Tem que ser uma grande universidade, não vem com outra história.” E isso foi importante para nós. Grandes conquistas que nós tivemos foi por causa disso.

C.C. - O senhor pegou esse...quer dizer, na universidade, na graduação o governo Jango, ainda?

J.M. - É.

C.C. - Isso em agosto? Jânio e o governo Jango, o golpe de 64.

J.M. - Foi.

C.C. - Tem agora os 50 anos do golpe. Qual era, vamos dizer, o ambiente político que se vivia na universidade? Uma pergunta que não se pode deixar de fazer, a *posteriori*, sabendo no que ia dar, mas esse período é sempre descrito como de muita discussão, efervescência. Agora, não sei se do ponto de vista de um aluno também o era, no cotidiano.

J.M. - Era. A Faculdade de Filosofia ainda era na rua Maria Antônia, e era uma faculdade diferenciada em relação às outras unidades da universidade, que eram a Poli, a Medicina e a Faculdade de Direito. Naquela época, todos os cursos que vieram a seus institutos depois, estavam na Faculdade de Filosofia. Química, física, geologia, tudo era Faculdade de Filosofia. Era bastante diversificada, embora não estivesse tudo no mesmo prédio. Não havia... Havia dois grupos políticos, três, quando muito. Um era o Partido Comunista Brasileiro, que era muito ativo, que era bem stalinista, por sinal, na época, e havia um grupo, que o Octavio Ianni num

artigo, a propósito já do golpe de 64, chamou de “superego do PCB”, que era a Polop, Política Operária, um grupo trotskista, mais intelectualizado, mais...

H.B. - Virou presidente, já fez a presidente da República.

J.M. - Já. Mas o Fernando Henrique não era da Polop. Ele era do PCB.

C.C. - A Dilma não foi?

J.M. - A Dilma foi da Polop?

H.B. - Foi.

J.M. - A minha mulher também foi. Vou pedir para a minha mulher fazer algumas reivindicações então. [risos] A Dilma foi da Polop, é, e o Fernando Henrique era do PCB, era da juventude comunista. Mas esses grupos não tinham... Era um pouco aquela disputa para ver quem é do meu partido, quem não é; não tinha... Eu acho que a politização estava no curso, na proposta das Ciências Sociais, porque ela era, especialmente na cadeira do Florestan, a proposta das disciplinas, dos debates, das leituras muita vinculada a ideia do nacional desenvolvimentismo, eles eram isso. Por aí a gente lê o Celso Furtado que era a grande figura estranha às Ciências Sociais, mas que no fundo era o teórico do nacional desenvolvimentismo. Nacional desenvolvimentismo já no fim, porque estava acabando. Se falava em burguesia nacional, não era nada assim, à esquerda. A esquerda era ser nacionalista. Mas não havia essa politização que existe hoje, que é menos politização e mais partidarização. Hoje aqui tudo é muito polarizado, mesmo entre os professores, muito cheio de confronto inútil, porque isso não vai levar a nada. Havia sim, havia debates no centro acadêmico. Eu me lembro que um debate foi com o Almino Afonso. Levaram o Almino Afonso, eu não lembro o que ele era... PTB eu acho que ele era, por í E ele...e alguém perguntou para ele, ele era ministro do Trabalho do Jango, foi isso. Perguntou pra ele: “mas um homem de esquerda como o senhor está neste partido, porque o senhor não entra em outro? Ele disse: “porque não existe nenhum melhor do que eu conheço”. O que ele tinha sua razão, não é? Enfim, não havia nenhuma exacerbação, ninguém furava o olho do outro, não era a sua verdade... Era mais uma linha político cultural do que político partidária propriamente. Então era isso, nós tínhamos um excelente curso de Antropologia. Naquele tempo a Sociologia não estava divorciada das outras ciências vizinhas. A grande perda que nós tivemos foi a fragmentação.

C.C. - Florestan estudou os tupinambás.

J.M. - Florestan fez mestrado e doutorado em Antropologia, na Sociologia política, porque a USP não tinha nem mestrado nem doutorado.

M.G. – O senhor fala dessa perda de vir a fragmentação, pode também falar um pouco a esse respeito? Como ela se justifica?

J.M. – Eu posso. Ela não se justifica, esse é o grande problema. Houve uma primeira reforma do currículo, foi federal, em consequência da pressão do movimento estudantil de 62, foi antes do golpe, eu participei disso. E aqui houve... Participei como acompanhante, não tinha... estava no debate. Que eles eliminaram algumas disciplinas, eliminaram Psicologia social, que no tipo de proposta que a missão francesa trouxe, era importante ter mantido e não ter tirado. Tiraram Estatística, um ano, tiraram Matemática, tinham complementos da matemática porque havia uma certa esperança, mesmo no Florestan, de não abrir mão de uma Sociologia quantitativa, que era a influência que ele tinha recebido na Escola de Sociologia e Política, que foi muito forte nisso. Eles faziam pesquisas sobre condição operária... Os americanos, não ele só, os que fizeram pesquisa sobre custo de vida, condição de vida, essa coisa toda, condição de moradia. Tiramos, isso foi péssimo porque comprometeu um setor importante da produção de conhecimento na Sociologia que não tem como abrir mão. E nunca mais recuperamos, essa é a verdade, tiraram história da filosofia, tiraram lógica, foram cortando, compactando.

C.C. - Disciplinarizando também, foram para outros departamentos...

J.M. - Foi exatamente isso. Aí vem a reforma de 68 e aí acabou com absolutamente tudo. Aí cada qual... Até hoje é assim, você está na sua disciplina, é a sua, você não conversa com seu colega, não lê o que ele escreve e tal. Num país como o Brasil, não ter um diálogo pelo menos com Antropologia e com a História empobrece muito, porque neste país ainda se fala em *nheengatu*, e isso aqui não é alegórico, se fala mesmo. 30%, 30 estações de trem e de ônibus de metrô da cidade de São Paulo têm nomes em *nheengatu*, inclusive neste bairro que a gente está, sem contar os sotaques e as palavras. E aí?

H.B. - Mas é interessante essa avaliação que o senhor faz da reforma de 68 porque ela não é usual. Se atribui muito à reforma de 68 essa disciplinarização, mas isso é uma discussão muito anterior, e que estava dentro da comunidade universitária.

J.M. - É, é.

H.B. – Interessante isso. O regime militar pode ter recrudescido muitas medidas, mas isso não foi uma *criação* dos militares.

J.M. - Não, é. Eu diria que foi a esquerda que inventou. Aqui foi, com certeza aqui na USP, porque era a ideia de que o quantitativo é reacionário. Francamente, está certo?

H.B. - Politizando a metodologia.

J.M. - Querendo politizar, querendo transformar a sociologia, em especial, em uma tribuna ideológica, partidária. E com a ditadura isso se agravou porque a ditadura acabou com os partidos, fechou todas as áreas... fechou a ideia de diversidade e tal.

C.C. - O senhor mencionou esse clima de debates, não tanto confronto polarização, mas um debate intelectual, político e tal. O golpe de 64 o senhor está no último ano da graduação? Como foi vivido, o senhor se lembra?

J.M. - Ah, eu lembro. Foi ridículo, [risos] porque... Todo mundo era de esquerda, não importa qual, não vamos qualificar porque aí já fica muito complicado. Então as pessoas achavam os professores, os estudantes, não se deram conta do que foi a Marcha da Família com Deus pela Liberdade uns dias antes, 19 de março. A Marcha da Família eu fui ver, não fui participar, obviamente, mas um grupo de colegas de turma, nós fomos até o centro da cidade olhar, e a gente ficou muito assustado.

C.C. - Observação participante.

J.M. - Não, não. Nada de participante, só observação. [risos] A gente ficou muito assustado, porque era uma multidão, da elite, a mulherada que a gente via aparecia em coluna social nos jornais, na frente, e a igreja católica apoiando abertamente. Então forças que a gente achava que não existiam, por exemplo, a minha geração nunca prestou atenção nelas, existiam e estavam na rua pedindo golpe de estado. Aí saímos fazendo piada, aquela coisa. Eu me lembro uma delas era: marcha da família nada, isso é marcha das lavadeiras, só tem tanque e trouxa, porque tinha militar e tal. Uma ingenuidade brutal, uma simplicidade cretina. Bom, todo mundo ficou razoavelmente preocupado. Não, não vai ter golpe, porque aí tinha o esquema, o dispositivo militar do Jango...

C.C. - Quem vai dar o golpe, não é? Famoso...

J.M. - Quem vai dar o golpe, é, e o almirante Aragão articulava os militares, depois no fim se descobriu que todo dispositivo militar era só o almirante Aragão que levou o Jango para o exílio, voltou, e foi preso e sumiu do mapa. Acabou aí. Mas o cômico na história, o triste também, é que no dia que as tropas começam a descer de Minas para o Rio de Janeiro, claro, isso já está no noticiário, as pessoas estão preocupadas, houve uma reunião de professores na sala 1 da rua Maria Antônia, que era uma sala...

C.C. - Aqui achava-se que o general. Kruel ia...

J.M. - Não, não se achava nada. Diziam que ele estava com o Jango, mas nós aqui estávamos acima dessas coisas. A gente não achava nada, quer dizer, não sabia, a gente apostava, mas...

Então tem uma reunião e eu me lembro que duas pessoas falaram. Acho que a reunião foi presidida pelo Janotti, que é professor de Filosofia. Mas quem mais falava de política era o Weffort. E o Weffort então dando 1.500 exemplos de que não vai acontecer por tal e tal motivo, assim, assado, fez uma análise lógica, não podia acontecer. Não podia acontecer, mas as tropas já estavam chegando na divisa do Rio de Janeiro. No dia seguinte o Jango não era mais presidente, só isso. Foi uma análise furada. Aliás, eu vi o Weffort fazendo uma análise furada também no golpe do Chile, aqui dentro, numa sala, em que ele explicava por a mais b, que não, não ia acontecer, não podia, porque os militares chilenos eram democráticos e tarará, tarará, tarará, no dia seguinte o Allende estava morto. Quer dizer, falta algum componente na análise, no fim. Claro que todos nós...

C.C. - Chama-se o *wishful thinking*, acha que vai acontecer algo que não tem bases reais.

J.M. - É, não tinha nenhuma base para acontecer. Depois, nesse dia 31 de março, a gente não fazia pesquisa sobre isso, a gente fazia muita pesquisa sobre temas sociais, mas sobre temas políticos, não propriamente. A Ciência Política aqui era mais voltada para a história política, e não para o presente. Só vão começar a fazer pesquisa sobre o atual, depois do golpe, não antes. Então do ponto de vista histórico não era provável mesmo, mas a história acontece pelo improvável, quase sempre não pelo provável. Essa que é a questão. Foi um problema tremendo. Naquela época eu morava num quartinho, de uma casa alugada pela faculdade, em que o Fernando Henrique tinha montado um centro de pesquisa anexo a cadeira do Florestan, e ele sabia que eu morava no subúrbio, eu já tinha uma bolsa como estudante de graduação para trabalhar numa pesquisa do Luiz Pereira. Um dia ele me perguntou: “você ainda mora no subúrbio?”, “eu moro”, “você não quer morar aqui perto da faculdade?”, eu disse: “ah, professor, com o que? Não dá”. Ele tinha um fusquinha azul. Ele me pôs no fusquinha dele e me levou lá. Era uma casa bem perto da faculdade. Higienópolis. O quarto era uma dispensa. Ele falou: “olha, quando eu vi esse quartinho, eu pensei em você, porque se você conseguir morar aqui, você toma conta da casa, você fica como caseiro, e aí você está morando praticamente dentro da faculdade. Em vez de gastar quatro horas indo e voltando todo dia, você vai passar quatro horas na biblioteca, lendo, estudando”. Eu falei: “ótimo negócio. Me dá a chave aqui que eu venho e no domingo...” . Eu passei a noite de 31 de março naquela casa. Acontece que naquela noite eles estavam vasculhando tudo quanto é lugar. E a polícia federal ficava na mesma rua a dois quarteirões, que era o centro de uma movimentação muito estranha.

Eu passei a noite ouvindo o rádio transmitir o golpe e dar a notícia que o gal. Kruel estava no Palácio dos Campos Elísios e tinha aderido ao golpe.

C.C. - Foi o balde final de água fria.

J.M. - Foi, foi um tremendo balde de água fria. Bom, aí, a gente não sabia propriamente...

[FINAL DE ARQUIVO I]

H.B. - Mas o primeiro ano do golpe foi um ano de muita movimentação? Ainda era na rua Maria Antônia?

J.M. - Na Maria Antônia.

H.B. - Maria Antônia é um ícone das Ciências Sociais.

J.M. - É, um monumento, aquilo para mim é um templo, quando eu entro lá até hoje eu fico emocionado. Bom, quase que imediata repercussão que houve foi à polícia e o Dops indo prender o Fernando Henrique lá no prédio. A gente não sabia se iam pegar alguém, não havia indício. Uma coisa que havia é que as pessoas se autoincriminavam. [risos] Tinha gente que se achava tão perigoso para a ditadura, que começava a proclamar, e aí...

C.C. - Era feio não ser perseguido. [risos]

J.M. - É, e havia gente que era informante da polícia. Depois quando eu vi a minha ficha, depois do fim do golpe, da ditadura, é que eu vi que os alunos passavam informações. Essa história de que o estudante, não sei que, está cheio de fascista no meio estudantil, vamos falar honestamente. Mas tudo bem, a gente ficou esperando para ver o que ia acontecer. Um dia eu estava...Tinha uma salinha onde ficavam os auxiliares de pesquisa, era onde eu ficava também, e do outro lado do corredor, na frente, ficava a sala do Florestan compartilhada com duas secretárias, uma dele e uma da cadeira. Ele não tinha uma sala, não tinha isso aqui, isso aqui é um luxo. A gente vivia mal. Aí eu escuto uma conversa, dois sujeitos, uma conversa estranha o prof. Fernando Henrique está? E a secretária dele que era muito ingênua, claro, não se deu conta de que tinha havido um golpe que podia acontecer alguma coisa, ela disse – ela era secretária do tal centro de pesquisa: “não, mas ele já está para chegar”. Eu falei, espera lá. “Mas quem vocês são?”, “somos amigos dele”. Espera lá, amigo do Fernando Henrique, não saber onde encontrá-lo, vir procurá-lo na faculdade, na hora do almoço, eu estranhei. Todo mundo estava um pouco, assim, “vai acontecer alguma coisa”. Aí eu me fiz de bobo, como se eu fosse sair, passei na frente bem devagar e vi os dois sujeitos... Bom, eles não eram amigos do

Fernando Henrique, obviamente, pelo modo como eles estavam vestidos. Existia uns ternos que se vendia em lojas, tipo assim, essas lojas de roupa para homem, não lembro agora, tinham várias que eram famosas, *A Exposição, Ducal*, exatamente, e as roupas eram todas muito ridículas, [risos] eram um negócio popularesco estranho, tergal e com uma coisa quadriculada, era bem ridículo mesmo. Eu que vinha do subúrbio, que tinha vestido essas roupas já várias vezes, já não conseguia mais vesti-las porque elas eram medonhas, era muito careta aquele negócio. Eu bati o olho, dois tipos assim, eu falei: “eles não são amigos do Fernando Henrique, por sim ou por não, eles não são amigos”. E aí a Ana Maria pergunta: “ah, Martins, você sabe se o Fernando Henrique tem aula hoje à tarde?” Eu falei: “eu acho que não”, e fui. Quando eu fui eles interromperam a conversa lá e foram atrás de mim, desci dois andares, e eu desci esperando sair na rua e ir para esquina esperar ele chegar e avisar, “olha, tão te esperando lá, você decide o que quer fazer.” Ao passar no saguão estava o Cláudio Voga, que também era auxiliar de pesquisa, já estava formado, da cadeira, e eu sussurrei para o Cláudio: “esses dois caras que estão vindo atrás estão procurando o Fernando Henrique, melhor avisá-lo”. Aí ele saiu para um lado e eu saí para o outro. Quando eu saí para o lado esquerdo, desci aquela escadaria, saí pro lado esquerdo, estava o Bento Prado Júnior, é uma grande figura, não é?

C.C. - Professor de Filosofia.

J.M. - Professor de Filosofia, e eu cumprimentei; “e aí, Bento, tudo bem?”, “tudo bem, não sei o que...”, como eu falei com ele, os dois pegaram o Bento.

C.C. - Acharam que era o Fernando Henrique?

J.M. - Acharam que era o Fernando Henrique, fizeram ele levantar coisas, revistaram, tal, e aí eles já se denunciaram e eu *pimba*, fui para uma ponta, o Cláudio foi para outra, o Cláudio cercou o Fernando Henrique lá, “olha, estão te esperando e tal”, contou a história e dali o Fernando Henrique já foi para a casa de alguém, ficou escondido aquela noite, dali dois dias ele foi embora. Até sei qual foi a companhia aérea, a Pluna. [risos] E o problema é que o Fernando Henrique tinha pavor de avião. E a Ruth conseguiu colocá-lo dentro do avião, saiu para o Uruguai e depois foi para o Chile. Aí a gente já percebeu que o negócio estava mal parado. Houve o IPM na faculdade, que era o meio de identificar os inimigos do regime, e para o IPM estavam indiciados o Fernando Henrique, Florestan, o Mario Chamberley que era o professor de Física, que era ligado ao Partido Comunista, isso todo mundo sabia, e o professor João Cruz Costa, que é de Filosofia. E tinham que apesar por um ritual que dava bem a medida de como eram as coisas. O Fernando Henrique já estava fora e ele foi dado como foragido. Saiu

no jornal. Eles tinham que responder várias questões, o presidente era um tenente-coronel do Exército que tinha sido aluno da Faculdade de Arquitetura da USP. Então ele interrogava perguntando várias coisas, uma delas a pessoa tinha que descrever os símbolos nacionais, era um programa de escola, eu aprendi isso na escola normal. Se me chamassem eu teria passado no exame. [risos] Tinha que descrever os símbolos nacionais e tinha que explicar os símbolos. Para o Cruz Costa perguntaram se ele sabia o que queria dizer “ordem e progresso”, ele era o maior especialista em positivismo no Brasil. [risos] E o Cruz Costa era muito divertido, ele era um sujeito baixinho, atarracadinho, e ele disse: “eu acho que eu sei, vou fazer uma tentativa”, e aí dá uma aula. E todos tinham que cantar o Hino Nacional, porque se não soubesse cantar o Hino Nacional era um sinal de que o sujeito era comunista, subversivo. Todos cantaram. Só que o Cruz Costa disse, se o coronel acompanhar, eu canto. [risos] Quer dizer, era uma coisa muito complicada porque esse processo indiciou todo mundo. Era colher material para colocá-los na cadeia, expulsá-los da universidade. E ao mesmo tempo a gente não levava eles a sério, esse foi um problema até o Ato 5, aí o começo das prisões, das torturas, de fato.

C.C. - Parece que esse período pós-golpe, quer dizer, essa repressão imediata, mas ela não chegou afetar tanto quanto depois afetaria?

J.M. - É, não cria um clima de medo que é uma coisa que a gente não conhecia. Eu fui preso em 66. Fui preso pelo Dops, bestamente. Eu estava escrevendo a minha...

H.B. – Já estava no mestrado, não é?

J.M. - Já. O Florestan era a única pessoa que estava *de fato* alarmada com as coisas. E o Florestan, quando houve o IPM, ele mandou aquela célebre carta para o coronel, ele entregou na mão do coronel, protestando, mas aquele protesto dos velhos uspianos, que diziam, na USP vocês não põem a mão. E acontece que eles punham a mão. Eles estavam pondo a mão já. E o Florestan fez um tremendo protesto, uma carta que está publicada, *é linda*, é uma coisa assim de uma indignação, e o coronel disse: “olha, professor, o senhor tem que retirar essa carta senão eu vou ter que prendê-lo”, e foi falar com o professor Mario Guimarães Ferri, que era o diretor da faculdade, que não estava nem um pouco a fim, ele era da área de Botânica, não estava nem um pouco a fim de enfrentar os militares. E o Ferri lavou as mãos. Aí o Florestan foi preso no ato, na frente do diretor. Foi preso e levado para o quartel do Batalhão de Guardas do II Exército, lá no Parque Dom Pedro, e ficou vários dias preso lá. Aí houve... Aí começou a cair a ficha. Começou a cair a ficha e houve protestos, houve repercussão internacional, enfim, a gente percebeu que eles não estavam... A gente não estava vacinado contra. Em 66, no período

que eu estou escrevendo a tese, eu tinha participado de uma passeata na véspera. Foi das primeiras passeatas em São Paulo, grandes. Grandes! O pessoal foi na direção do quartel do II Exército, quebraram toda farmácia do Exército a pedrada e tudo mais, eu estava na passeata, eu vi isso acontecer. Mas no dia seguinte, eu falei, não dá para ir na passeata dos dias que eu tinha que terminar a dissertação e o Florestan já estava...

C.C. - De orientador devia ser...

J.M. - E ele já estava preocupado com a pressa, ele achava que ia acontecer alguma coisa e ele queria que todo mundo terminasse tudo que tinha para terminar para assegurar que a gente ficasse. Aí eu no dia seguinte trabalhei o dia inteiro, estava cansadíssimo, morava não muito longe da faculdade, e saí à noite e fui jantar num pequeno restaurante que tinha perto do Largo do Arouche, chamava Leão do Lido, que era um restaurante popular. Depois a noite, já é umas dez da noite, estou voltando, compro jornais ali em frente a Caetano de Campos, na praça da República, entro pela Ipiranga, eu tinha que atravessar a praça Roosevelt, quando eu chego em frente à igreja da Consolação, Tem a Teodoro Baima, ali ficava o Teatro de Arena, e está saindo do teatro de Arena o Roberto Schwartz que era assistente do Antônio Cândido. Aí paramos para conversar. E eu perguntei: “o que você está fazendo?”, “ah, eu vim passar o abaixo-assinado contra as prisões do dia anterior”. Conversando, quando a gente percebeu tinha uma tropa da Polícia Marítima e Aérea. Eles tinham mandado buscar. a Polícia Marítima Aérea em Santos, que era a polícia para bater em estivador, eles usavam um cassetete de madeira envernizada, de jacarandá, desse tamanho, metralhadora e cassetete. Nos cercaram, mandaram ficar de mão para cima, aí a gente se deu conta que eles tinham cercado todo cruzamento, porque era a hora que o pessoal da passeata estava indo embora. Então eles pegaram todo mundo que passou no cruzamento. Eles esvaziavam os ônibus e colocavam os novos presos dentro. Aí depois eles prendiam aqueles que tinham descido do ônibus. [risos] Chega lá no Dops, fomos levados para o Dops, estava chovendo aquele dia, já de noite, aquilo estava duro de gente, tinha gente pra chuchu. Foi o primeiro grande ato contra a ditadura, tanto que o pessoal do *Mackenzie* foi preso, e o Mackenzie era direita e a favor da ditadura. Era muita gente. O primeiro advogado que apareceu lá foi para defender o pessoal do Mackenzie. Aí eu fiquei lá, fomos fichados, fotografados, o próprio fotógrafo foi dando pontapés e socos em pessoas que resistiram, isso na frente de todo mundo, e eu muito bestamente resolvi, disse que queria falar com o delegado – eu ainda estava imbuído do espírito do Florestan – que nós éramos professores da USP, era recém-contratado professor, aí eles davam gargalhada na

minha cara. “quá, quá quá, professor da USP”, tal. Nós dois fomos os dois últimos a sermos interrogados já na virada da noite seguinte, e fui solto, era meia-noite, uma hora da manhã, quer dizer, 24 horas depois. Mas fiquei fichado, isso aí... Aí o Florestan ficou preocupado. Ele foi comigo e o Roberto falar com o diretor, ele exigiu que o Gama e Silva, que já era o ministro da Justiça, mas tinha sido professor da USP, eles se conheciam, que ele mandasse cancelar a ficha. Nem sonhando. Nem o Ferri que era o diretor ia pôr a mão na cumbuca por causa disso, e ficamos fichados. Depois vendo as fichas, a gente viu que alunos também alimentavam o fichário, passavam as aulas. Não tinha nada nas aulas.

C.C. - Só para entender. O senhor já está falando do seu mestrado, a passagem da graduação para o mestrado era algo já natural, já era certo que o senhor faria, e já começa o mestrado como professor da USP, em 65. Quer dizer, recém-graduado...

H.B. - E o doutorado também foi muito em seguida, é muito impressionante essa compactação da sua formação.

C.C. - Ao final da graduação o senhor já tinha certeza que queria continuar...

J.M. - Não, não, isso eu não queria, naquela época você não queria nada. Você não podia querer ficar na universidade, fazer pós-graduação. Não existia uma pós-graduação formal aqui, e a pós-graduação não era requisito para ser docente. Então você era convidado pelo catedrático. Ele podia convidar uma pessoa a cada dez anos, sei lá quanto. O catedrático tinha um poder, ele nomeava a pessoa, ele demitia, ele era uma instituição, era vitalício. E eu achava que terminando o curso, terminava também uma bolsa que eu tinha para trabalhar na pesquisa do Luiz Pereira, aí eu ia ser professor, não mais na roça, mas professor de Sociologia numa escola normal no interior do estado, que era uma boa, isso era uma coisa boa. Mas em dezembro, novembro, não sei, o Florestan me convidou para ficar, convidou a mim e mais um outro colega, para ficar e pediu para trazer meu diploma. Eu falei: “professor eu não terminei meu curso ainda”, “como, o que você ficou fazendo esses anos todos?”, “professor, eu estou no quarto ano, estou no fim do quarto ano do curso”, ele era seriado ainda, não era como é hoje que você fazendo como você pode.

H.B. – Em 68 é que altera.

J.M. - É. “Eu vou terminar...”, “bom, então logo que terminar me traga toda papelada”, tem que trazer os documentos. Em abril eu já estava nomeado auxiliar de ensino, que eles chamavam, instrutor, sei lá. E a pesquisa que eu fiz para o mestrado, não é a pesquisa com a qual eu fiz o mestrado, porque aí o Florestan, por causa...

C.C. - Sobre o Matarazzo?

J.M. - Não, a pesquisa não era sobre o Matarazzo, a pesquisa original era sobre modernização e tradicionalismo no campo em três áreas. Eu fiz a pesquisa, tinha a pesquisa prontinha. Mas precisava analisar o material. Aí o Florestan, chegou e falou: “quando você entrega o mestrado?”, eu falei: “bom, professor, eu estou analisando o material”. No primeiro ano eu já fiz a pesquisa, fui para o mato e fiz a pesquisa. Ele falou: “não, não dá para esperar. Não tem mais nada?” Eu tinha trabalhado numa pesquisa do Maurício Vinhas de Queiroz, sobre os grupos econômicos, levantei dez ou doze casos, fiz doze monografias, e uma era sobre o Matarazzo. Eu disse: “tenho esse material aqui, mas o senhor que trabalhar isso”. Foi feito para a tese. Aí ele pediu, olhou, falou: “isso dá uma dissertação de mestrado, você faça”. Chamava especialização, naquele tempo. Aí rapidamente eu fiz, nesse meio tempo que eu fui preso. Rapidamente eu fiz, acho que em dois meses eu escrevi tudo. E não tinha solenidade nenhuma, eu estava dando aula, um dia veio o Leôncio, chegou e falou: “O Florestan está te chamando lá. Eu fico com seus alunos aqui”. Eu chego lá na sala dele, a banca já estava sentada, e era a defesa da tese. Terminei a defesa de três horas, depois voltei para a aula e continuei normalmente. [risos] Sem gravata, sem nada.

C.C. – Sistema interessante. Mas falar um pouquinho, se o senhor puder, sobre o Florestan. Como ele era como professor, orientador, chefe, já que o catedrático era na prática o chefe de um...

J.M. - Era tudo. Era Deus lá e ele aqui. O Florestan era um figuraço. Era um figuraço. Ele era um professor erudito, não existe mais esse tipo de professor, isso é um pouco herança...

C.C. - Veio de uma trajetória humilde também, não é?

J.M. - Sim, mais humilde que a minha.

H.B. - Ele foi alfabetizado com 14 anos.

J.M. - É, o Florestan era... A d. Maria que eu conheci, ela era solteira, era uma lavadeira, analfabeta, e ele cresceu foi trabalhar com sete anos de idade, tinha que ajudar a mãe, eles moravam num porão lá para o lado da rua Elvécia [Helvétia], por ali, acha que era lá, rua do Bexiga, não me lembro. E ele só trabalhava, não estudava, mas gostava de ler. E ele tinha uma madrinha, que era onde a mãe dele era lavadeira, da família Bresser, e essa madrinha um pouco que o... Ele passava temporadas na casa dela. Tanto que quando ela morreu, ela deixou... Ele herdou, eu me lembro de quando ele me falou... um monte de móveis na biblioteca dele, ficava no fundo da casa, “mas o que aconteceu aqui?”, “isso é herança da minha madrinha”. Mas ela

não gostava que ele se chamasse Florestan, porque Florestan não é nome de pobre, é nome de um personagem de música de uma ópera sei lá o que, isso não é nome de pobre, “você vai se chamar Vicente”. Então ela chamava ele de Vicente. Florestan dizia que o Vicente morreu quando ele entrou na universidade, [risos] aí ele passou a ser Florestan. E ele deu um duro danado. Mas ele era balconista no bar Bidú, na rua Líbero Badaró, isso ele conta nos livros dele. E o Florestan era bom cozinheiro, que aprendeu lá no bar, realmente bom cozinheiro. E ele aprendeu a... E lá ele ficava lendo quando não tinha cliente. E esse bar era frequentado por vários intelectuais da USP, acho que Sérgio Buarque, esse pessoal. Aí viram ele lendo, foram lá, se interessaram, “o que você está lendo? O que você não está lendo? Por que você não estuda?”, “eu não posso”. Aí sugeriram que ele fizesse curso de madureza, que era aquele supletivo, sei lá. Ele fez, passou, e já fez o vestibular e já entrou na USP, diretamente. Agora, ele era um monstro para ler, ele lia... O Cândido dizia que o Florestan tinha a bunda quadrada de tanto ler, lendo, lendo, lendo, qualquer lugar ele estava lendo. E as aulas dele expressavam essa obsessão da leitura, ele lia, ele levantava cedo, ele tinha disciplina. Diz que foi o Willems, o Cândido me disse isso, o Willems que era alemão passou a disciplina para o Florestan. “Olha Florestan, você organiza seus horários que vai render mais”. E ele estava interessado nisso. Então ele levantava muito cedo. Uma das conversas de orientador que eu tive com ele foi às sete horas da manhã, na casa dele, no banheiro da casa dele. Ele fazendo a barba, e discutindo comigo. Então era assim, ele sabia valorizar o tempo, vamos dizer assim, não dormia no ponto. As aulas deles eram de uma tremenda erudição, só que ele punha uma lista de 20 livros para você ler até a aula da semana seguinte, numa época que nós não tínhamos biblioteca, nós tínhamos quatro estantes com livros que a missão francesa deixou. Mas era brilhante. Ele não era um bom orador, isso realmente não era, mas ele era erudito.

H.B. - Mas o que acontecia, tinha 20 livros e vocês não tinham nem como?

J.M. - Emprestava uns dos outros. Eu comprei livros à prestação. Eu deixava de comer. Eu tinha poucos recursos. Então... tinha uma cooperativa de livros na faculdade. Aqui na faculdade, é bom levar em conta isso, a influência protestante foi muito forte, na fundação da USP, por razões que não estão muito claras, mas a gente desconfia que se quis evitar aqui o que aconteceu no Rio, que foi a arquidiocese, no fundo, tomar conta da universidade.

H.B. – Da UDF.

J.M. – É. Então aqui eles eram positivistas, durkheimianos, então eles evitaram... Quando o professor da Poli foi a Europa recrutar gente, ao que parece ele deu preferências a judeus e

protestantes. Não assim, não era dirigido. Porque o Deffontaines que foi professor de Geografia era um católico da Ação Católica, fez a conferência inaugural da USP. Mas era... Aqui nas Ciências Sociais, Bastide... O Lévi-Strauss foi o primeiro professor de Sociologia, não é de Antropologia, de Sociologia, judeu. Depois o Bastide, que era protestante. Aí teve o Bastide, que era protestante, um conjunto de professores na faculdade. A área de Linguística foi protestante até outro dia, só tinha protestante lá, porque causa de Bíblia essa coisa toda. Isso foi bom para a USP. O espírito crítico aqui chegou via as religiões, não via esquerda, direita, essas coisas.

C.C. - O senhor mencionou *en passant* também o Antônio Candido, na época, sociólogo ainda, tinha estudado o modo de vida caipira, *Os parceiros do Rio Bonito*. O senhor tinha convivência com ele?

J.M. - Não, ele já estava em Literatura nessa época. Já tinha passado para Literatura. Tinha convivência sim, de corredor. Eu li *Os parceiros do Rio Bonito* na versão datilografada, que ele levou dez anos para publicar o livro.

C.C. - E como foi a leitura em função da sua experiência rural?

J.M. - De caipira, porque eu sou de uma família bem caipira. Olha, eu fiquei encantado com o livro dele. Porque eu sempre achei, por exemplo, lendo o Wilhelms, *Uma vida brasileira*, que também é sobre a cultura caipira lá no alto Paraíba, o Wilhelms não me convence, que é um alemão fazendo pesquisa sobre cultura caipira. Aí tem uma distância dos diabos. Mas o Antônio Cândido, ele, aqui entre nós, não contem para ele, eu falei: “esse cara é dos bons, ele sabe fazer”. E ele sabe por um motivo, *é a sensibilidade literária dele para a fala caipira*. O caipira é um literato analfabeto, o caipira não fala sem poesia, e ele pegou isso. Então tem essa coisa bonita no trabalho dele. Quando o livro saiu como livro, acho que eu fui dos primeiros a comprar um exemplar, mas eu já tinha lido, eu tinha lido a versão datilografada.

H.B. - E isso de fato foi muito junto, que ele faz as duas coisas, escreve *Os parceiros* e a formação em literatura?

J.M. - *Os parceiros* são dos fins dos anos 40, começo dos anos 50, acho que a tese como tese mesmo é de 54, por aí, quando ele é bem sociólogo ainda. Depois é que ele... Mas eu acho que ele publicou *A formação* antes do livro sobre o caipira.

H.B. - Ele já estava muito envolvido, ele diz isso para Mariza Peirano, que com a mão direita ele escrevia um com a esquerda outra. Só para reforçar esse seu argumento, tem muita razão.

J.M. - O Cândido faz parte aqui... –ele fez Ciências Sociais – ele faz parte do grupo da revista *Clima*, ele e um grupinho, o próprio Rui Coelho, várias figuras, que depois vão dar no suplemento literário do *Jornal Estado de São Paulo*, que são eles que vão falar do Adolfo Coelho. Ele era desse grupo. A revista *Clima* era uma revista, digamos, é uma revista da Semana de Arte Moderna inteligente, porque a Semana de Arte Moderna foi meio atrapalhada, eu acho, vocês também não contem para ninguém. [risos] Eu acho que a Semana de Arte Moderna foi um festival, uma coisa assim. E revista *Clima* já foi uma coisa muito articulada, de gente que queria fazer cultura a sério, não era um episódio, era um projeto. Mas eu não tive contato direto, não tinha aula com ele.

C.C. - Do mestrado o senhor também passa para o doutorado direto? Naquela época não deveria ser o mesmo sistema...

J.M. - Não. Fiz o mestrado e fiz o doutorado quatro anos depois. O doutorado foi outra confusão, porque eu fiz uma pesquisa para o doutorado, no alto e no médio Paraíba sobre – não é sobre cultura caipira – mas sobre a cultura agrícola caipira em crise, e acho que foi a primeira e provavelmente a última pessoa no Brasil que usou – não estou dizendo isso para me elogiar porque não tem sentido nenhum – que usou a área da fotogrametria para fazer amostragem, eu resolvi trabalhar com amostragem. Eu tinha trabalhado numa pesquisa na Faculdade de Saúde Pública com a Elza Berquó sobre fertilidade humana. Eu era lateral, não era o centro, era um bico. E lá eu entendi a importância da amostra e da representatividade. O que havia sobre caipira, tirando um estudo de caso como o do Cândido, e mais alguns estudos no próprio Vale do Paraíba, era tudo muito impressionista, quer dizer, as pessoas iam para o interior e viam e achavam, “eu acho”, e escreviam. E não havia listas de população utilizáveis. O Censo não cedia naquela época e também não adiantava nada. Como eu faço para eu ter uma amostra representativa com a devida *diversidade* da população? Porque eu queria pegar a diversidade. Os que estavam mais no mundo caipira mesmo e os que estavam saindo do mundo caipira. Aí me deu um estalo, levantamento aéreo fotogramétrico do estado de São Paulo. Só que o levantamento aéreo fotogramétrico tem um problema que é assim, o avião sai para fotografar, a gente tinha um levantamento aqui na Geografia, eles tinham um laboratório aí com isso, e ele faz uma foto quadrada que corresponde uma área de não sei quantos km quadrados, não me lembro... 25 eu acho, 5 por 5. Só que a terra é curva, então ele vai fotografando, e o objetivo do levantamento é fazer um mapa, e eles têm que corrigir a curvatura da terra porque ela deforma todas as distâncias e tal. Então o que ele faz? Ele voa mais ou menos 45% da foto

anterior, fotografa de novo e dá uma superposição que permite fazer as correções. Então a fotografia não servia para amostra, quer dizer, não podia sortear fotografias, porque ia ter o mesmo espaço em duas ou três fotografias. Aí eu, mesmo assim, sorteei as fotografias... Então o que me ocorreu é o seguinte, pegar cada fotografia, ir ao campo, aí consegui recurso da Fapesp e foram alunos da Geologia ao campo com a fotografia, localizavam o quadrado, não tinha GPS, obviamente era uma coisa bastante complicada, e bastante aproximada. E o que eles tinham que ver era o seguinte: definir qual o bairro, porque aí tinha que perguntar qual o bairro aqui, ali, ali, e aí, qual o bairro cuja maior parte estava dentro daquela foto? E só entrava numa foto que é aquela que estava a maior parte. Com isso eliminava as superposições e tudo mais. E depois fui para o campo com estudantes de graduação, eu consegui recursos, fui para o campo com eles, fizemos uma *enorme* pesquisa no alto e médio Paraíba, mapa amostral, pegando desde a fronteira do Rio de Janeiro até a entrada na área metropolitana de São Paulo. Um tempo enorme fazendo a pesquisa, tinha um formulário grande, tinha até teste projetivo, mil loucuras; eu quis experimentar tudo que era... Tudo que contrariava a ideia do impressionismo na pesquisa. Eu estava com a pesquisa prontinha. Aí houve as cassações dos professores, e aí a situação ficou difícil. A ideia era... Eu mesmo pensei em ir embora, ir para os Estados Unidos, talvez fazer um curso... Eu tinha pensado no Eric Wolf, que é antropólogo, mas o Florestan tinha pedido ao pessoal para não fazer o que o pessoal de Brasília tinha feito que era se demitir. E foi um grande erro. Em Brasília eles se demitiram e facilitaram a entrada da ditadura e aí a coisa ficou complicada por muito tempo. Então, “vocês fiquem até eles botarem para fora todo mundo”. Porque a ditadura pegou vários no mesmo dia. Vários. Cai fora, pronto. Aí ficamos... o Luiz Pereira e a Marialice substituíram, assumiram digamos, todo o débito da coisa. “Olha, não dá para esperar você fazer essa análise toda sofisticada que você está querendo fazer, não dá mais, não dá de jeito nenhum”. Aí perguntou se eu tinha outra... A coisa de trabalhar com a mão direita e com a esquerda, pelo visto é um negócio aqui da faculdade. [risos] O Florestan fazia isso também, o Ianni fazia e tal. Eu sempre estou fazendo duas, três pesquisas ao mesmo tempo. O material está lá. Eu tenho pesquisa para mais de cem anos, não sei se vou conseguir, mas está lá. Eu falei, eu tenho, tinha uma pesquisa sobre o núcleo colonial de São Caetano, que estava razoavelmente bem-feita, aí o Luiz Pereira disse: “então você senta e escreve já essa tese”. Aí sentei e fiz. Não era... não é o material dos meus sonhos, nem de jeito nenhum o doutorado que eu gostaria, que eu poderia ter feito. Mas era a questão de ficar e garantir a continuidade da história intelectual do grupo fundado pelos franceses, era um projeto

intelectual, não era meu, aqui ninguém era dono de nada, era um projeto da Universidade de São Paulo. O que a Universidade de São Paulo queria ser, e podia ser. E isso aconteceu com muita gente, não foi só aqui na Sociologia. Aqui na Filosofia quem segurou as pontas foi dona Gilda de Mello e Souza, ela foi mesmo incrível o papel que essa senhora teve, grande figura. E aí eu corri com meu doutorado, fiz o doutorado, e aí eu decidi, agora vou fazer a pesquisa da minha vida, com ditadura ou sem ditadura, agora não tenho mais... Abri mão de fazer a livre docência, que aqui na USP é uma característica, farei a livre docência quando der, e fui fazer a pesquisa da Amazônia sobre os conflitos. Fiquei 20 anos fazendo. Não foi 20 anos para escrever o livro, mas fiz uma senhora pesquisa, sem dinheiro, sem nada.

C.C. - O senhor poderia falar mais da pesquisa em si, como não só se interessou como chegou a fazê-lo?

J.M. - Da fronteira? Da Amazônia nasceu em função de uma proposta da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Quando houve a reunião do SBPC em Curitiba, a SBPC propôs, não sei se era um grupo de trabalho o que era, sobre a frente pioneira. Era uma coisa que os sociólogos não analisavam. Aqui quem cuidava disso eram os geógrafos, frente pioneira.

C.C. - A Antropologia também um pouco, no caso do Octavio Velho.

J.M. - Não, mas Octavio Velho ainda não existia nessa época, ele estava mais... A Antropologia com o Darcy Ribeiro foi cuidar de frente de expansão, que é outra coisa, não é o mesmo conceito. Aí eu resolvo... falei: "eu vou entrar nisso", porque na minha pesquisa para o mestrado que eu acabei não usando, foi virando uma coleção de artigos, lá na Alta Sorocabana, no Pontal, era frente pioneira, tudo que eu fui encontrar na Amazônia depois. Eu falei, esse é um tema, porque é a sociedade sendo recriada em condições que não são... não tem nada a ver com frente pioneira, tem a ver com conflito. Porque a frente pioneira do Monbeig que foi o homem que estudou frente pioneira aqui, é uma coisa linda, bonita, o moderno se expandindo seus sendeiros pioneiros criando um novo país e tal, e a verdade é que não é bem assim, e os antropólogos estão mais certos nesse sentido, porque trabalham com a população indígena sendo vitimada pela expansão da sociedade nacional e falando na violência que atinge. E acontece que eu tinha visto a frente pioneira com essa violência, não era a frente pioneira do Monbeig. Então eu apresentei, em Curitiba, uma comunicação sobre frente pioneira e frente de expansão, comparando as ideias, e fiquei com aquilo... era quase um projeto. Aí eu resolvi ir para a Amazônia e começar a trabalhar sem prazo, sem compromisso. Vai ser um livro, porém, poderá ser livre docência, poderá não ser, isso não vem ao caso. Aí eu fui para a Amazônia. Aí foi um

período duro da ditadura, foi logo depois da repressão à guerrilha do Araguaia, e era uma das áreas bastante próxima ao que eu ia fazer; é claro que eu tinha... A minha proposta era comparativa – eu sempre gostei da pesquisa comparativa – que era pegar a frente de expansão e a frente pioneira, a superposição delas, e em diferentes lugares da região Amazônica, então eu acabei trabalhando da pré-Amazônia maranhense até o Acre e Rondônia. Passando pelo Pará, Mato Grosso e Goiás, o que é Tocantins hoje. Mas assim, eu ia com a minha bolsa, minha sacola e gravador, papel, fita.

H.B. - O senhor já estava casado a essa altura?

J.M. - Eu estava casado desde que eu fiz o mestrado, quase.

H.B. - Mas o senhor ia sozinho?

J.M. - Não dava, não dava para por em risco a família. A Amazônia não era convidativa nesse período. E eu estava indo para as áreas de conflito. E já tinha filho. Então ia e voltava. Sempre brinco dizendo que com o dinheiro da fundação Martins de amparo à pesquisa, que sou eu. [risos] É uma coisa que eu disse numa comissão de inquérito da Câmara Federal, resolveram me intimar quando eu denunciei trabalho escravo, que era uma coisa que outras pessoas tinham denunciado, cheguei em Belém, fui fazer uma conferência e perguntaram, eu falei. Cheguei em Belém indo pelo Tocantins, não cheguei de avião. E aí deu complicação, me intimaram para a tal comissão da Amazônia, só tinha extrema direita lá na comissão. O secretário era o Jader Barbalho que era o único cara de esquerda lá [riso]. E aí eu fui. Quando o sujeito quis saber... – quis me interrogar sobre a pesquisa, quiseram fazer uma inquisição –, de onde vinha o dinheiro da minha pesquisa? Da fundação Martins de amparo à pesquisa. Aí eles ficaram assim... eu estava gozando, não é. Saiu no Diário Oficial, é oficial, a fundação existe. Na transcrição da fala, está lá, no Diário Oficial, a fundação existe. A experiência da Amazônia foi muito rica, porque eu trabalhei... Não era possível fazer uma pesquisa convencional que você vai sozinho e faz, eu estava sozinho. Mas eu me juntei aos grupos de igreja, que tinham um trabalho incrível na região Amazônica nesse período, com gente sendo morta, perseguida e tudo mais, uma espécie de relação de troca. Quer dizer, eu me ligava a esses movimentos, dava cursos, palestras, o que fosse, e ao mesmo tempo ia fazendo minhas observações. Eles estavam sabendo que eu estava fazendo, pesquisando, eu usei muito o diário de campo. Meu diário de campo tem 30 volumes, umas dez mil páginas, gravação. Isso foi uma imprudência. Num certo momento eu me dei conta, fotografei, me dei conta que foi uma imprudência por que...

H.B. - Arriscar as pessoas.

J.M. - É, isso era o detalhe, foi uma ingenuidade. Felizmente não aconteceu nada. Eu estava em São Pedro da Água Branca, que hoje é uma cidade, é no Maranhão isso, o sertão do Maranhão. São Pedro era um povoado. O pessoal chegando, e *muita* violência. Tinha um grileiro que andou matando gente, tal, e eu cheguei lá, em alguns lugares eu usei o serviço da malária, por um motivo. A malária era governo, mas quando eu trabalhei na pesquisa na Faculdade de Saúde Pública, o João Iunes que era um professor da faculdade, a gente ficou amigo, e o Iunes, na época da pesquisa, era terceiro escalão do Ministério da Saúde, ele tinha uma posição importante. O Ministério da Saúde era mais ou menos isento, do que eu consegui perceber. Eu falei como Iunes, falei: “olha, Iunes, eu vou começar uma pesquisa na Amazônia, eu estou totalmente desprotegido, não tem apoio”, nem a USP ia se interessar, não tinha nem como, nem os antropólogos trabalhando com índio, “e eu acho que seria mais seguro se eu fizesse o meu acesso aos povoados que eu escolhi através do serviço da malária”. Porque eles tinham uma enorme penetração. O chamado soldado da malária, que não era soldado coisa nenhuma, ele entrava na mata sozinho, caminhando dias, às vezes, lugar que não tinha estrada, não tinha nada, ele ia e ele fazia uns mapas num papel de embrulho, ele só ia fazendo um risco, ele achava que era por aqui, e fazia um risco e fazia um pontinho, casa do fulano, depois casa do fulano. Aí o Iunes falou, eu vou marcar uma conversa sua com o superintendente da Sucam, Serviço das Campanhas Especiais, que a gente chamava serviço da malária. Aí eu fui a Brasília, um cara muito simpático, muito legal, um cara de *esquerda*, enfim, um médico sanitário exuberante, um cara maravilhoso, eu falei, olha, vou falar muito francamente, eu estou com medo de ir, mas preciso fazer a pesquisa, porque era a última grande fronteira do mundo, e não tinha sociólogo fazendo pesquisa sobre fronteira. Tinha muito antropólogo, e muito antropólogo americano. Tinha o pessoal do museu, por causa do Roberto Cardoso, eles tinham um projeto maravilhoso, e o pessoal que trabalhava com índio, o pessoal aqui da USP, e do Paraná, mas sociólogo, não. Não é tema de sociólogo, fronteira. Aí ele falou, não precisa explicar mais nada, já entendi o que você quer, está aqui, fez cartas para os superintendentes regionais mandando colocar infraestrutura a minha disposição, transporte, o que eu precisar. Aí eu fui. Naquela área eu fui através do serviço da malária. Mato Grosso foi através de Dom Pedro Casaldáliga, que foi quem me recebeu. A gente é amigo até hoje, ele é padrinho das minhas filhas. É um figuraço, grande figura. Eu expus para o Pedro: “olha, Pedro, preciso fazer a pesquisa, a história é essa, essa, essa, também não quero criar problema para ninguém”. E eu

pensei em São Felix, porque ele tinha escrito um livro. A carta pastoral dele, a primeira, é o primeiro grande depoimento sobre a moderna violência na Amazônia, que ele fala em trabalho escravo, dá o nome mesmo, não fica fantasiando, que é um resquício do passado. Que ali eram as grandes empresas multinacionais.

C.C. - Modernas. Escravidão moderna.

J.M. – Escravidão moderna, era lucrativo, o negócio era para acumular. Aí então: então você vai, participa da nossa reunião, faz uma palestra, usa o material que tem, sai com o pessoal, tal. Aí durante anos eu fiz isso indo periodicamente e tal. Também em Goiás foi através de igreja, Acre também, Rondônia foi serviço da malária. Rondônia era totalmente diferente. E o Pará e Maranhão, malária. E eu estou lá nesse povoado de São Pedro, mal cheguei, cheguei com a C10 que levava o veneno lá, o BHC para o serviço da malária, e fiquei no rancho do farmacêutico. Quer dizer, era um sujeito que recebia o serviço da malária, e tinha aquelas farmácias de sertão, que é um rancho, que dá mais dinheiro vender remédio do que vender pinga. Então ele tanto podia vender uma coisa quanto outra. Me hospedei no rancho dele. Bom, logo deu para descobrir que eu tinha caído num vespeiro. Porque, aparentemente, o pessoal desse povoado, que era... Tinha uma diferença, era um povoado muito organizado. Eles tinham uma estrutura de poder baseada nos anciãos do povoado, uma coisa estranhíssima. Depois eu fui me dando conta que o Maranhão é assim. No Maranhão eles não gostam de viver no mato, eles gostam de viver em povoados. É um lugar totalmente diferente por isso. Depois confirmei, que tinha uma menina que foi minha aluna aqui, a Maria Stela de Paula Andrade, e ela diz: o Maranhão é todo assim. O Maranhão é totalmente diferente. É a cultura do povoado. Aí estou lá, me dei conta de que, provavelmente, vários moradores do povoado podiam ter participado do massacre daquela família Davis, da fazenda Capaz, em Vila Rondon, *podiam*, eu não sei se participaram ou não, porque não era o tema da minha pesquisa, eu não ia ficar perguntando. Quanto menos você souber, melhor. Eu desconfiei por coisas que eles próprios me disseram. Eu até tinha parado no caminho, fui de ônibus e fotografei a entrada da fazenda e tal. Esses anciãos, esses velhos que administravam o povoado, estavam sempre em volta de mim, me ajudando, dando indicações, aí eu começo a perceber também que, provavelmente, o dono da putaria, da zona do meretrício, era ligado ao exército. Mas não tinha nada a falar com ele, nada disso. Eu tinha pedido para o Paulo Sérgio Pinheiro, por sim ou por não, uma credencial da revista *Isto É*, e eu iria como jornalista, e passei a escrever para a *Isto É*, nesse período, para legitimar. O pessoal da revista topou e eu fui. “Se ficar uma coisa complicada você tem a

credencial”. Um belo dia o grupinho lá dos velhos chegou para mim: “olha, tem um cara aí que você tem que falar, você precisa falar com ele. Ele sabe tudo sobre esse povoado aqui”, eu falei: “ah é? E como eu faço para falar com ele?”, “ele não mora no povoado.” Era o único que não morava no povoado. “Ele mora aonde?”, “ele mora lá nomeio da mata”, “como eu faço?”, “deixa com a gente”. No dia seguinte falaram: “olha, ele vai estar no rancho dele, você pega esse caminho aqui no meio do mato, é o único rancho no caminho. Ele já sabe que você vai lá.” Eu cheguei, e levava o gravador, levei o gravador. Cheguei, um cara jovem, totalmente diferente da população local, *totalmente*, o cara era um cara de classe média. Eu já fiquei arrepiado. Aí eu falei: “olha, eu estou fazendo uma *reportagem*”, saquei que... “sobre o desenvolvimento econômico da Amazônia e tarará. E disseram que você conhece bem a região e tal, a gente poderia conversar?”, “claro, pois não.” Ele morava em um rancho simples, tinha uma mesa, coisas que as casas lá não tinham. “Posso gravar?”, “claro.” Botei o gravador, liguei o gravador, antes de eu fazer uma pergunta ele começou a falar. Mas ele falava com o gravador. Ele foi, assim, ele fala com o gravador. Ele foi fazendo um relatório, e a medida que ele foi falando, eu falei, esse cara... esse cara é da polícia. Só era. Aí deixei ele falar, falou o que ele quis. Ele foi dando o perfil de todo mundo do povoado. Sabia nome, sobrenome, uma coisa que no sertão o pessoal não sabe, não tem nome, sobrenome. É, Maria do José, José da Maria, por aí, sobrenome não existe. Aí eu finalmente resolvi fazer uma pergunta, quando eu fiz a pergunta ele deu um pulo. “Ei espera lá, quem é você?”, “eu te falei...”, mostrei a credencial, ele ficou meio abalado. E uma prova de que Deus existe, começou um temporal, quase de repente, mas um senhor temporal. Aí eu falei para ele: “olha, o que você disse para mim já é suficiente, porque é uma materinha que eu vou fazer, uma coisa, e eu tenho que voltar lá para o povoado que vai chover mais ainda.” Enfiei minhas coisas, joguei, eu tinha uma bolsa de couro velha, botei lá dentro, olha, “tchau, muito obrigado” e *pimba*, e fui embora. No dia seguinte eu estou na rede dormindo, de manhã cedinho, eu sou acordado. Eu olho assim, é ele de cima. “Quero falar com você, cara”, “tá, pode falar”, “aqui, não.” Me levou lá para a beira do mato, “olha eu cometi um engano, eu disse para você coisas que eu não podia dizer”, então eu já saquei que ele ia querer minha fita e provavelmente as outras também. Eu falei: “olha, você não precisa nem ficar preocupado, porque o que você disse eu já sabia, e não vai ter nenhuma importância na minha matéria. A minha matéria é sobre desenvolvimento econômico mesmo, novas empresas, o futuro da Amazônia, como é que vai ser, tal, pode ficar tranquilo, muito obrigado” e tal e não falei de entregar a fita. “Pode ficar sossegado, te dou minha palavra

de honra.” Aí ele ficou meio assim. Ele não sabia com quem ele estava falando, também tem esse detalhe. A minha vantagem era essa. Porque disseram para ele... depois eu descobri, disseram para ele... O pessoal do povoado estava com medo dele, e queria saber o que ele sabia sobre eles. Então o que eles fizeram? “Chegou um cara aí, que veio de Brasília e quer falar com você.” Aí ele achou que era o chefe dele. [risos] Ele achou que eu era do SNI, do Exército. Aí ele, claro, ele falou, me deu o relatório, contou o trololó todinho. Aí ele saiu, o pessoal chegou. Eles queriam saber o que ele sabia. [risos]

C.C. - Fogo cruzado.

J.M. - Eu não ia estar com ele, eu estava com eles, porque eu estava ajudando o povoado, eles eram importantes naquele povoado. Tinha uma luta social importante ali. Aí eu falei: “olha, ele sabe tudo sobre vocês. Sabe nome, sobrenome.” Eu disse tudo. “Ah, tá bom.” “Só que tem o seguinte, eu tenho que ir embora já, porque ele não vai ficar esperando muito tempo antes de voltar aqui. Eu tenho que sair daqui, a minha pesquisa terminou.” O povoado ficava a 10 km da estrada de Marabá a Imperatriz. Era uma estrada de terra naquele tempo. E era pelo meio do mato o caminho. Dez km carregando a minha tralha toda. Eu tinha também uma sacolona vedada que eu carregava rede, e pilha, e não sei o que, era pesado, dois gravadores. Eles tinham uma C10 comunitária, eles tinham compradouma C10. “Não, nós vamos te levar.” Aí saíram pelo meio do mato. Ainda no meio do caminho um tronco tinha caído em cima do caminho. Eu falei, ah, isso aí, já é, você começa a ficar paranóico. Eu falei: “e esse tronco...”, “não, não se preocupe, isso é a chuva e tal.” Desviaram pela beira da estrada. Bom, e eles iam voltar. Eu falei: “vocês vão voltar e eu fico sozinho aqui na beira da estrada, e se o fulano vier atrás?” Porque eu tinha que esperar ou um ônibus ou um caminhão, ou uma carona. Eu tinha que sair de lá de qualquer maneira. E eu decidi não ir para Marabá, porque Marabá era onde estava o quartel do exército, que estava envolvido na repressão à guerrilha do Araguaia. Inclusive se sabe hoje que era lá que torturavam as pessoas. Eu falei, eu não vou para lá, porque é lá que está o patrão dele. Eu vou para Imperatriz. E aí... sabe, ônibus não tem horário, se não passar um ônibus passa um caminhão, senão passar um caminhão passa não sei o que lá, tá bom. E agora eu fico aqui sozinho. Eles falaram: “não, nós vamos ficar de olho o tempo todo, se ele sair do povoado, a gente vem atrás. Não tenha medo.” De fato, eu fiquei, isso foi no fim da manhã, só quase no começo da noite que passou um ônibus. Não passava nada naquela estrada. Era estrada que atravessava o território dos índios gaviões, os parkatejê, então era pouco movimento. E eu fiquei lá. Passou um ônibus, eu pulei dentro e fui embora para Imperatriz. A

partir daí eu passei a tomar mais cuidado porque não dava para ficar... É um negócio muito esquisito. Você põe em risco a vida dos outros.

C.C. - A discussão, professor, manifestar de várias formas sobre isso, sobre reforma agrária, que era uma discussão antiga já, de antes do golpe, aliás polarizou muito no governo Jango, que depois volta com Nova República, de novo, como o senhor acompanhou essa...?

[FINAL DO ARQUIVO II]

J.M. - A reforma agrária já era debatida antes do golpe de 64. Não era um tema prioritário, essa é a verdade. O Partido Comunista Brasileiro tinha sérias dúvidas sobre reforma agrária porque achava que a reforma ia criar uma pequena burguesia de pequenos proprietários, quando o forte, para os comunistas, era o proletariado, então, começa a aparecer o boia-fria nessa época, que é o assalariado do campo. Isso sim interessava. Eu não estava interessado em reforma agrária, eu estava interessado na questão cultural do campo, nas grandes mudanças sociais, culturais, que era a linha aqui da faculdade. Depois, durante o período da ditadura são os militares que tomam iniciativa de fazer o estatuto da terra para poder enquadrar preventivamente as lutas no campo, os movimentos. A questão das ligas camponesas, eles sabiam que não bastava dar o golpe e botar na cadeia as pessoas que o problema não ia acabar. Até porque, especialmente na área da cana, aquilo tudo estava desmoronando, em função das mudanças econômicas havidas, então eles resolveram fazer. Eles foram longe, viu? Porque eles acabaram reconhecendo o direito de enfiteuse dos moradores das fazendas de cana-de-açúcar, que o direito do sítio, a lei do sítio, que é fazer reverter à lei de terras de 1850. Eles não tinham compromisso com o latifúndio. Isso é uma coisa... uma bobagem dizer, “eles vieram para defender...”, não vieram para defender o latifúndio. Depois o latifúndio, não era o latifúndio que o partido comunista dizia que era. A verdade que eram empresas rurais modernas. Isso o Caio Prado que era filho de um descendente, neto, bisneto, trineto de grandes fazendeiros de cana-de-açúcar e de café, ele nunca engoliu essa história de latifúndio. Na revista *Brasiliense* eu cheguei a publicar um artigo na *Brasiliense* sobre outra coisa, ele nunca engoliu, e quando começaram a sair os resultados da pesquisa do Maurício Vinhas de Queiroz sobre os grupos econômicos, ficou evidente que grandes grupos econômicos tinham grandes investimentos no campo. Então, eram grandes empresas. A história era bem outra. Não pegou, a história da reforma agrária não chegou a mobilizar ninguém. Só em 1972 é que a igreja católica produz

um primeiro conjunto de manifestações... Não, em 72 são realizados três grandes..., feitos três grandes documentos católicos sobre a reforma agrária... sobre questão dos direitos humanos, não é sobre reforma agrária, em relação a índios e trabalhadores rurais. A questão era direitos humanos. A Pastoral da Terra nasceu como a Pastoral dos Direitos Humanos. E a Pastoral Indígena também como Pastoral dos Direitos Humanos. Não tinha nada a ver com reforma agrária. Na igreja não se falava em reforma agrária. As pessoas não sabiam o que era reforma agrária, e tinham sérias dúvidas em relação a isso, até porque a própria igreja tinha tido uma posição bastante conservadora contra a reforma agrária do João Goulart, que era *ridícula* perto da reforma agrária dos militares. A reforma do Jango, que era desapropriar na beira das rodovias tantos quilômetros, foi o que o derrubou. Era uma proposta inócua, uma proposta que não resolvia o problema. Até porque na área das ligas, a luta dos trabalhadores não era para ter terra, era para ficar naquela terra. Essa era a luta deles. Então tinha um monte de fantasia em torno disso. Depois... Aí eu acompanhei todo processo, na Pastoral da Terra que se começa a falar em reforma agrária como uma possível saída. Havia uma manifestação da igreja de 1950, do bispo de Campanha que era muito conservador, Dom Engelker, que era uma manifestação da direita a favor da reforma agrária, para evitar o aparecimento do proletariado no campo e o Partido Comunista tomar conta desse proletariado, contra os propósitos da igreja. Então o partido também tinha sua intuição quanto ao que significava ser pequeno proprietário, cujo modelo era o do sul do Brasil, que é o maior reduto católico do Brasil até hoje, e o maior celeiro de sacerdotes e religiosos desse país, que é a pequena propriedade, é de lá que eles vêm. Mas aí se põe a questão da reforma agrária muito em função, por outros motivos, em função da expulsão dos trabalhadores do campo e a conversão deles em trabalhadores em tempo parcial ou em tempo sazonal, que é o boia-fria aqui, e o clandestino no nordeste. Que é um trabalhador que trabalha na fase do corte de cana, e depois ele fica desempregado vivendo na maior miséria, e ele aí passa a receber só pelo tempo trabalhado, sem direito a terra para cultivo próprio, que era o que acontecia com o morador. Então, claro, esse dismantelo criou... aí criou uma miséria no campo *muito, muito grande*, e uma miséria que vai explodir na cidade, não no campo. No campo não tinha lugar para eles, eles vêm para a cidade. Aí acompanhei eu toda essa discussão na Pastoral da Terra, ajudei a discutir, participei. Não tinha outra saída, era mesmo pensar numa reforma agrária como recurso de absorção dessas populações. E também isso não era bandeira da esquerda, a esquerda não tinha essa bandeira. A esquerda nunca soube lidar com a questão agrária, nunca soube falar sobre ela, nunca soube interpretá-la. Sempre tem uma visão

equivocada, ou contra ou a favor. Quem tinha era a igreja, porque a igreja sabia o que era. Estava lá e por causa da origem rural dos sacerdotes católicos no Brasil. Isso vale também para os luteranos. Por isso os luteranos até hoje estão engajados na Pastoral da Terra, no MST e tudo mais. Porque eles têm a mesma raiz, a mesma base. Aí a reforma agrária produz um negócio curiosíssimo, porque o governo tinha uma política de reforma agrária, o governo militar fez desapropriações, fez assentamentos, não fez por motivos sociais, fez por motivos militares e políticos, era para prevenir tensão social e evitar subversão no campo. Os militares acreditavam que poderia surgir uma revolução popular. A guerrilha do Araguaia foi combatida em nome disso e a guerrilha do Araguaia não tinha nada a ver com reforma agrária, eles não estavam nem aí para a questão agrária. Eles não se enturmaram. Eles foram para uma região que não tinha luta pela terra, aquela região. Se eles tivessem ido para outra região, provavelmente eles teriam conseguido adeptos e dirigir o movimento. E Xambioá nem era o lugar, o foco da guerrilha, o foco da guerrilha devia ser a Belém-Brasília, segundo os documentos do partido que foram publicados. Xambioá era simplesmente uma base de apoio logístico, de abastecimento, de socorro e tudo mais. Além do que Xambioá, eles foram atacados antes de atacarem. Acontece que... usando os recursos dos serviços da malária, eu descobro que os mesmos mapas que eu estava usando, o exército utilizou para chegar lá. O exército sabia que tinha esses mapas, que localizava todo mundo, incluído os guerrilheiros, entrou no meio do mato eles sabiam, porque o homem do veneno ia lá e dizia, aqui tem um rancho, e esse homem do veneno tinha que entrar no rancho, ele tinha que borrifar o veneno e as pessoas tinham que sair porque aquilo é letal. Aí o Exército manda uma força especial de Brasília, vestida como o pessoal da malária, esse pessoal entra nessa área, onde já o Exército desconfiava que estava havendo uma movimentação estranha, eles entram nos ranchos do pessoal, fotografam tudo que tem lá dentro. Isso quem me contou foi o pessoal da malária em Marabá. Fotografaram tudo, eles ficaram sabendo tudo que eles tinham em termos de arma, de recursos, quem era, eles sabiam tudo, e eles atacaram. Atacaram para matar, não atacaram para combater ninguém, não foi combate, não houve combate. Aí, claro, que eles reagiram, mas aí reagiram defensivamente. A história não está contada, essa é a verdade. Tem que entrar na papelada do Exército para saber o que houve. Daí a história da reforma agrária, ela cresce dentro da Pastoral da Terra como uma reivindicação que aí a CNBB finalmente assume. A CNBB não tinha uma posição sobre isso. A CNBB acaba assumindo, a Pastoral da Terra se localizava em Goiânia, não em Brasília, justamente para não contaminar, para a CNBB não ser vista publicamente

como, eu acho que foi esse o motivo, e finalmente aí por 1980, 1981, que é quando é produzido o documento dos bispos “Igreja e Problemas da Terra”, que eu ajudei a fazer, é que a CNBB assume que é preciso fazer uma revisão no direito de propriedade no Brasil, em termos das demandas populares de reforma agrária. Mas você vê, isso já foi quanto tempo depois do golpe? Quase 30 anos.

H.B. - O senhor defende o doutorado aqui e quando é que continua dando aula? Desde esse convite primeiro do Florestan, nunca houve interrupção aqui?

J.M. - Nunca.

H.B. - O senhor pode falar um pouco sobre essa... a sua função de magistério aqui, em que momentos, as disciplinas, os estudantes?

J.M. - Eu fui... durante muito tempo fui professor de Introdução à Sociologia, eu herdei o grupo que tinha sido organizado pela Marialice Foracchi, ela morre em 71, 72, eu fiquei com o grupo que era um grupo dos jovens que estavam fazendo mestrado com ela ou com o Luiz Pereira. A gente tinha turmas grandes, porque se passou a dar Sociologia também para outras áreas, estava no currículo mínimo deles e tudo mais. Foi bom porque foi uma forma de treinar esse pessoal. Aí eu tive... Com a Marialice, eu trabalhei com ela, eu fui assistente dela. Eu tive muita liberdade com a Marialice, ela era uma *grande* professora, uma *senhora* professora, uma *senhora* socióloga. Tinha uma cardiopatia congênita que foi o que a matou, e morreu moça, mas era uma cabeça maravilhosa. Muito incrível. Ela é da turma do Fernando Henrique e do Ianni. E eu aprendi um bocado de coisa com ela. Foi muito conversando com a Marialice que eu comecei a me interessar... Isso também estava no Florestan, mas pelos fenomenologistas na Sociologia, que é um pouco os sociólogos americanos, alguns franceses de uma nova linha, e li muito, organizamos aquela antologia *Sociologia e Sociedade*, que eu acabei de organizar sozinho, mas ela reflete o estado da nossa relação intelectual nesse período, que é também o que nós propúnhamos para os alunos. E aí tinha um problema, que o alunado começa se esquerdizar, no pior sentido da palavra, ou seja, só existe um sociólogo no mundo chamado Karl Marx, ninguém mais, o Engels talvez, mas era Marx, e você tentando explicar para eles que nem tudo em Marx é sociológico, que Marx não é necessariamente o único sociólogo do mundo, e nem necessariamente o melhor sociólogo do mundo. Vamos relativizar isso. Para você entender a sociedade brasileira em princípio, que é a que tem que ser entendida, você tem que estar atento a outros aspectos dessa...

C.C. - Sociologia da vida cotidiana não deveria ser um tema que os interessasse muito...

J.M. - Não, não. Eu começo a trabalhar a ideia do cotidiano na graduação... Foi em 75, eu acho. Quando eu estou mergulhando na pesquisa da Amazônia eu decido deixar o curso de Introdução a Sociologia. Eu estava cansado, fazia dez anos que eu estava trabalhando Introdução a Sociologia, e eu queria dar um curso monográfico, um curso mais especializado, e eu tinha pensado na Sociologia da vida cotidiana, eu tinha começado a ler o Lefebvre, e eu começo nesse ano... Esse foi um episódio muito importante na minha vida e aqui na vida da instituição, que é o seminário sobre a questão do método na obra de Marx. Porque aqui tinha havido seminário sobre o método dialético, mas não era um seminário da instituição. Eram os professores, o Janotti que organizou, o Fernando Henrique, Marialice, esse pessoal, eles se reuniam aos sábados na casa deles, e liam o Capital, era só o Capital, que vai se refletir nas teses deles, o *Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional*, *Metamorfose do Escravo*, o livro da Marialice sobre os jovens, o livro da Maria Silvia, e os historiadores que participavam, o Fernando Novaes e tal. Mas eu pensei em voltar ao método, não para copiar o seminário anterior, que tinha um propósito bem definido, mas para ser mesmo um seminário sobre o método. Daí ler o que fosse possível da obra de Marx. Eu propus, aí não podia fazer isso do jeito que eles fizeram. Eu propus oficialmente como curso de pós-graduação.

H.B. – Na pós-graduação?

J.M. – Na pós-graduação. Oficialmente como um curso de pós-graduação. E com o compromisso não escrito e não obrigatório, era compromisso simplesmente, de que uma vez terminado os créditos daquele curso, o aluno ficaria. Que o nosso seminário tinha começo, mas não tinha fim, para durar quanto desse. Então muita gente que veio e foi. Por exemplo, a Zélia Cardoso de Mello participou desse seminário. Eu não tenho nada a ver com a política que ela fez depois. Ela participou desse seminário, ela estava fazendo doutorado na época. Vinha muita gente de outras universidades, do Nordeste, Mato Grosso, tal. Mas o grupinho foi ficando, o grupo que podia ficar foi ficando, e a gente leu a obra do Marx razoavelmente. Havia pessoas que falavam alemão, que liam em alemão, a gente confrontou várias edições, inclusive, para saber o que presta e o que não presta dessas traduções feitas e tudo mais, que foi bom. Tem muita coisa que não dá para usar porque, realmente, as traduções são malfeitas. E a gente foi lendo e toda sexta-feira, um semestre sim, um semestre não, a gente discutia, ficava aqui horas, até uma hora da tarde. E a questão era entender o método. Aí a gente descobre que por trás da questão do método, em Marx tem, de fato, um sociólogo, como dizia o Florestan, só que não era o sociólogo que o Florestan via, era um sociólogo mais aberto, vamos dizer assim, não era

tão rígido, tão formal, era mais criativo, ele é aberto à interpretação criativa da realidade. Era um provocador, no fundo, intelectual. E a gente leu isso, ninguém ensinava nada para ninguém, nós estávamos lendo juntos, eu também queria ler junto, eu não era, não tinha nenhuma pretensão de ensinar nada para ninguém, eu queria aprender. Então eu estava relendo coisas. Nós lemos e relemos o Capital, tomando nota, toda sexta-feira, vinha aquele monte de anotações, aquela coisa, não era sala de aula, era um quadrado, e a gente lá conversando e cada um dizendo o que pensava e tal. Quando a gente conseguiu fechar... A gente leu as cartas, uma coisa que ninguém lê, assim, lê mas não lê obrigatoriamente, e a gente devia ler. A principal obra de Marx está nas cartas. Ele era... Ele é livre, ele não tem uma tese para defender, aquilo é muito interessante, tem coisas muito interessantes. É lá que está a carta em que diz que ele não é marxista, então isso já é um grande avanço, não é? Quando o seminário ia terminar, surgiu a ideia de continuar lendo... Bom, o que fizeram com a obra de Marx no plano da Sociologia? Aí eu sugeri o Lefebvre. Quem pôs o Lefebvre aqui dentro foi o Antônio Cândido, numa escala, assim, bem inicial porque não tinha muita coisa dele traduzida e nem toda obra dele estava publicada ainda. Então começamos a ler o Lefebvre. A gente leu uma boa parte da obra dele. Depois que o partido comunista o põe para fora, ele desabrocha, ele se livra dessa... O partido comunista francês era muito ruim, e eles eram muito stalinistas, e o Lefebvre se liberta e ele vira *um tremendo* sociólogo, ele era um excepcional sociólogo. Ele já era, porque aquele livro dele dos anos 30 com o Guterman, *A consciência mistificada*, é genial, porque em pleno stalinismo ele faz a crítica do conhecimento conduzido, as mistificações do conhecimento. É uma obra da sociologia do conhecimento, muito, muito bom. E coisas de pesquisador, quando ele começa a se dar conta de que a questão do espaço é uma mediação importante na vida social, como é que você faz pesquisa sobre espaço sob o ponto de vista sociológico? Ele foi ser motorista de taxi em Paris. Observação participante. Ele foi motorista de táxi. Ele tinha sido professor, ele tinha dado curso para operários nas fábricas quando era militante, então ele já sabia lidar com isso, e daí sai uma obra genial, *A produção do espaço*, e depois os livros dele sobre espaço. Então a gente leu a obra do Lefebvre, que não está traduzida, só agora que tem um pouco mais de livros traduzidos, com extrema voracidade. Eu cheguei até a trocar correspondência com ele nessa época. Ele era um homem muito disponível. Eu tentei até organizar uma antologia, já que não havia livros dele, eu disse: “professor, eu estou pensando em fazer isso, assim, assado”. Ele: “não, a minha obra é uma obra muito simples”, e aí fez um apanhado assim... Ele escrevia mal a máquina, ele tinha uma máquina velha. Depois

que ele morreu a gente descobriu que o Lefebvre era pobre, além do mais, e ele foi despejado do apartamento em que ele morava em Paris, antes de morrer, já velhinho. Ele morreu com 90 e tantos anos. E ele era muito disponível... “*mon cher ami*”, e vinha as histórias. Foi bom, esse seminário foi importante. Dessa experiência nasce, mais ou menos em 75, o curso de Sociologia da Vida Cotidiana, que seria difícil de discutir aqui porque vida cotidiana não é tema de Sociologia. Difícil até na França, porque tinha muita dificuldade... é. E eu comecei a dar o curso aqui, que foi muito bom, porque me permitiu botar os alunos para irem além do que é um curso convencional. Os meus alunos produziram dois ou três livros que eu publiquei. Tem um sobre a mentira que a gente não publicou, mas tem um sobre sonho, que é um livro interessante, é livro de aluno de graduação, e tem um sobre... não me lembro mais...tem mais um tema... ah, a vergonha! Você põe o aluno, se você desafiar... E nisso eu não estou inventando nada, porque no tempo do Florestan aqui, no tempo do Bastide ele já fazia isso, e o Florestan, Fernando Henrique, esse pessoal, dava tarefa: “faça, faça um trabalho”. O meu primeiro trabalho foi publicado na revista *Brasiliense*, é um trabalho que eu escrevi no terceiro ano do curso de graduação, e o Ianni mandou publicar. Foi um trabalho de aproveitamento. Eu não fiz nenhuma revisão, foi publicado como estava. O Florestan ganhou um prêmio com um trabalho que o Bastide insistiu que ele fizesse, sobre crianças, é o primeiro estudo sobre crianças, *As trocinhas do Bom Retiro*, que aliás, para azar do Florestan saiu no catálogo da universidade, *As trocinhas do bom reitor*, [risos] que naquele tempo quem compunha, nós tínhamos uma gráfica importante, disse que o reitor ficou furioso: “o que esse rapaz tem contra mim?”, “não, professor, foi um erro tipográfico.”

C.C. - Se discutia essa Sociologia de Chicago, Goffman, Simmel, tinha...

J.M. - Não, o Goffman foi eu que comecei a discutir aqui na Sociologia. O Simmel o Florestan já tinha discutido. Chicago, Florestan queria que a USP fosse a Escola de Chicago. Assim como Chicago tomou Chicago como referência, a USP faria São Paulo uma grande referência.

H.B. - Mas havia uma certa rivalidade com a Escola Livre de Sociologia ou não?

J.M. - Não, ele estudou lá, não, não havia nenhuma. Porque nessa altura, quando eu fui aluno, a Sociologia e Política já estava em decadência, eles tinham perdido o apoio do empresariado, que era uma pena, porque eles tinham uma tradição linda. Não, não havia nada nesse sentido, não era nem para disputar. O Florestan tinha um grande apreço, tinha os amigos dele na Sociologia e Política.

H.B. - Foi uma escola que se marcou por esse tipo de pesquisa empírica, muito urbana.

J.M. – É. A sociologia do Florestan, do grupo, quando eu entro na faculdade, é muito estrutural funcionalismo. O Florestan tinha escrito *Os fundamentos empíricos da explicação sociológica*, o Merton tinha lido uma das partes, que tinha mencionado, está mencionado no livro dele *Teoria da Estrutura Social*, o Florestan estava muito nessa linha e o curso de introdução aqui começava com Parsons. Aliás, o Parsons fez uma conferência na Faculdade de Filosofia, convidado pelo Florestan, eles eram amigos, depois o Parsons o recebeu nos Estados Unidos, segundo o Roque Laraia que estava lá nessa época, com toda pompa e circunstância, o Florestan foi tratado a pão de ló pelo Parsons. E o Parsons foi trazido aqui depois do golpe. Eu me lembro da conferência do Parsons. Era um cara difícil, complicado.

C.C. - Eu lembro que eu era estudante no IFCS, curso de Ciências Sociais, quando morreu o Parsons e alguém escreveu que era um dia feliz para a ciências sociais, que morreu o Parsons.

J.M. - Não era.

C.C. - Que era direita. Isso era nos anos 80, iniciando os anos 80

J.M. – Ele era um grande sociólogo.

C.C. - Não sabia direito quem era. Fui ver: “não, era um cara de direita”.

J.M. - Ele não era de direita, ele era um grande sociólogo. Ele fez uma bela conferência aqui. Depois eu descobri que o meu College em Cambridge, depois fui para Cambridge, fui eleito *fellow* do Trinity Hall. Fiquei muito amigo de várias pessoas, até hoje, estou indo agora para o lançamento de um livro, que eu sou autor de um capítulo, lá em Cambridge, mas o vice *master* do meu *college*, o Jonathan, me disse: “você é o segundo sociólogo de fora que vem aqui. O seu colega que veio antes era um chato”. Eu disse: “quem era?” Era o Parsons. [risos] Eu falei; “mas porque que ele era um chato?”, “não conversava com ninguém, era um sujeito casmurro, fechado, antipático, não era simpático que nem você”. [risos] Querendo me gozar, não é? Eu falei: “não, mas ele era um grande sociólogo.” Ele era, um senhor sociólogo. O meu primeiro grande investimento na Sociologia foi comprar a prestações o *Social System*. Eu paguei, eu me lembro até hoje, dolorosos US\$ 50.

H.B. - US\$ 50 não era brincadeira.

J.M. - Nossa! US\$ 50, era muito dinheiro. Ele era uma referência, ele era difícil, começava por aí. Claro que tinham os europeus que vinham através do Florestan, a sociologia francesa. Não existia Bourdieu, essa gente não estava lá. O Lefebvre que não era reconhecido como sociólogo. Que o Cândido foi quem primeiro chamou atenção para um trabalho dele, depois o Luiz Pereira também leu o Lefebvre. Mas o Luiz Pereira em função de algo assim: o Luiz

Pereira não era formado em Ciências Sociais. O Luiz Pereira era formado em Pedagogia. E ele foi para Araraquara. O Florestan ia colocando os alunos dele, que ele recomendava, nos lugares que ele achava. Ele foi para Araraquara como professor de Sociologia. Em Araraquara estava o Castilho, que era formado em filosofia, competia com o Janotti, eles tinham uma rixa intelectual, sobre a *dialética*, sei lá, tinha uma confusão aí.. E vai o Fausto Castilho e escreve para o Sartre uma carta propondo uma questão filosófica. Questão da superação, se é uma questão só filosófica ou não é, não me lembro bem. E o Sartre responde, e o Castilho diz: “porque você não vem falar sobre isso aqui?” E ele traz o Sartre e a Simone Beauvoir para fazer uma conferência em Araraquara. Que é a famosa conferência de Araraquara. O Luiz Pereira estava lá. Aliás, tem uma fotografia do Sartre e a Simone, o Fausto Castilho e o Luiz Pereira, juntos. E quem foi o intérprete foi, aqui em São Paulo, depois ele falou aqui, foi o Fernando Henrique. Fez a tradução. E eu acho que levado... Aí o Sartre tinha um diálogo complicado com o Lefebvre. O Sartre admirava o Lefebvre, e o Lefebvre não admirava o Sartre, mas o respeitava. O Sartre, na questão dialética, faz um tremendo elogio ao Lefebvre, a primeira formulação, não lembro o adjetivo que ele usa, do método dialético está no artiguinho que o Lefebvre escreveu sobre a questão agrária. Que é quando ele vai falar no método regressivo progressivo, que é um achado. Em termos metodológicos, realmente, o Sartre tem razão. Só que o Lefebvre não se deu por achado, e achou que não era muito bom receber um elogio do Sartre. [risos] Eles disputavam. Então eu acho que em função disso, o Luiz Pereira... Eu tive contato com o Luiz Pereira, depois que fui trabalhar na pesquisa dele, ainda aluno, por isso que eu vim para cá, quando o Luiz estava lendo, ele lia vorazmente, assim como o Florestan. E eu discutia com o Luiz todo dia. Todo dia nós conversávamos sobre os autores que ele estava lendo. Nem tudo eu conseguia ler, obviamente, então eu sabia que a questão do Lefebvre e do Sartre, ele estava lendo. E no curso que ele dava aqui ele usava o Lefebvre. Então foi por aí que eu também li, e acabei me interessando, e achei... Ele de fato é um fulano incrível, claro, objetivo, culto, competente.

H.B. - Professor, o senhor falou do seminário, uma antiguidade importante e duradoura que envolvia essa relação com os estudantes. O senhor pode nos falar um pouco da sua relação com os estudantes que o senhor formou?

C.C. - O senhor tinha mencionado a esquerdização, com uma coisa e depois nós embaralhamos um pouco.

J.M. - Acontece o seguinte, ir ao método dialético era a forma de trabalhar seriamente a questão da dialética contra a literatura panfletária e partidária que começava a invadir a universidade. Aí que começa a haver... Quer dizer, todo mundo era da esquerda antes, mas ninguém era fanático. A partir daí começa a chegar os grupos que acham que o curso tem que ser um curso de marxismo, até hoje nós temos gente que pensa assim aqui. E aí não dava para fazer assim. Porque quem estava fazendo pesquisa de campo, não dava para fazer uma virada dessa, de jeito nenhum, e aliás não era a resposta as nossas dúvidas e problemas teóricos e interpretativos, óbvio. E a gente também não é bobo, francamente. Então quer discutir Marx, vamos discutir Marx. É dialética? Vamos ler a sério. Eles queriam ler o manifesto comunista, que é o texto menos sociológico, nada sociológico. Aquilo lá é uma picaretagem tremenda do ponto de vista do método de Marx, que aliás não foram nem eles que escreveram, foi a associação dos trabalhadores lá, eles simplesmente fizeram uma revisão e assinaram embaixo, por motivos político-partidários. Mas aqui ainda é apresentado, ainda hoje, pessoas que leem como se fosse um grande tratado sociológico. *Não é*, não bate com a obra de Marx, está em conflito com a obra de Marx e com a obra de Engels, está em conflito, que não é esquemático daquele jeito. A discussão das classes em Marx não é feita daquele modo. Aliás é uma discussão inacabada, no Capital ela não está encerrada. Então vamos fazer um seminário sério, eu só queria gente séria. Aparecia gente de partido querendo, enfim, se nutrir. Não conseguia ficar porque nossa discussão era muito aberta e muito sociológica, e muito antropológica também, porque há muito de antropologia em Marx. Tem lá o famoso livro da etnologia de Marx, tem muita coisa. Ele tinha preocupações, não era um grande etnólogo, mas, enfim, ele sabia do que estava falando, e sobre o que estava falando, naqueles relatórios que usou e aquelas coisas. Então foi bom para os alunos, eu acho que a gente conseguiu assegurar uma formação para um grupo grande de jovens pesquisadores, isso é particularmente claro no caso da Geografia, que tinha aluno de todos os cursos, na pós especialmente. Eles até hoje dão continuidade a isso. Renovou a Geografia aqui na USP, o trabalho. Eu me lembro da Bertha Becker que vocês devem ter conhecido...

C.C. – Que acabou de falecer...

J.M. - Acabou de falecer, e ela toda orgulhosa um dia, encontra comigo, num desses congressos, diz: “estou lendo Lefebvre”. Eu falei: “Bertha, você não sabe que coisa boa você está fazendo. “Eu sou a única no Brasil que...”, “não, você não é a única, eu não só tenho um curso sobre o Lefebvre como eu tenho uma troca de correspondência com o Lefebvre.” Ela

ficou doente. [risos] Eu falei: “você também pode escrever para ele.” Mas ele é uma figura, foi importante. E foi bom trabalhar com os alunos nessa perspectiva. Eu nunca fui um bom professor de pós-graduação, fui um excelente professor, modéstia à parte, na graduação. Aquele professor primário que eu queria ser na roça, eu fui... –porque aqui é meio roça ainda hoje – eu fui aqui na graduação. A pós é muito complicada para o meu padrão. Eu sou do trabalho de campo, e esse negócio do aluno especulativo, na fase do doutorado, isso não dá. Você quer ser um grande teórico da Sociologia, faça o doutorado primeiro, depois você vai... que isso era coisa do Florestan, Florestan era isso. “Você quer ser um grande teórico, ótimo, mas faça primeiro seu doutorado.” O pessoal quer ser teórico na graduação. E aí não dá certo porque eles ficam repetindo o que os outros já disseram. Frequentemente sem brilho. E na pós-graduação às vezes vinham e começavam a complicar, porque eles queriam que eu desse as dicas para eles se transformarem no Bourdieu da cidade universitária, ou algo parecido. [risos] Eu falei, olha, eu não tenho essa competência, tal, vocês vão ter que...

H.B. - E como é que o senhor fazia na graduação?

J.M. - Olha, eu fazia tudo que era lícito. [risos] Claro, era ditadura e tal; botava o pessoal para trabalhar, fazia muito seminário. A nossa tradição aqui foi... Isso é influência dos franceses, dos europeus, era o seminário. A aula é importante. Em Cambridge é assim, me dei bem com Cambridge por isso. É aula, mas o seminário é decisivo. Seminário você trabalha junto com o outro, você reconhece que o aluno é inteligente, que ele é um ser de conhecimento, ele não está aqui porque ele é bobo, ele está aqui porque ele é capaz. Então os seminários eram bons, eram interessantes. Eu dei aula de rua, era uma coisa que eu gostava de fazer que aqui não se fazia. Eu, por exemplo, levava os alunos para o cemitério, dava aula no cemitério. Os maiores informantes da Sociologia são os mortos, precisa saber conversar com eles. [risos] Mas cemitério tem muita informação sociológica. Eu nunca vou a um lugar fazer pesquisa, sem ir antes ao cemitério. Falo primeiro com os defuntos. Eu vejo as datas, as idades, as origens, os sobrenomes, eu vou interrogando a informação que o cemitério me dá. E as obras de arte, as fotografias, tudo está no cemitério. São Paulo tem três grandes museus de arte, os três grandes cemitérios, Consolação, Araçá e São Paulo. Você quer ver obra de arte, esculturas dos grandes escultores paulistas, não é em nenhum museu, é nos três cemitérios, estão lá. Tem coisas maravilhosas. Eu passei a levar os alunos para cemitério, dar aula em cemitério, chamar atenção para a importância do simbólico na questão das obras de arte. Os primeiros nus públicos em São Paulo estão nos cemitérios, de 1920, esculpidos pelo irmão do arcebispo, que morava na

casa do arcebispo e esculpia na casa do arcebispo. [risos] Então você tem que começar a desmistificar um pouco as coisas, separar aqui ali, classificar, não, primeiro você vai olhar, depois você classifica. Então ia aos cemitérios. No cemitério você faz vários percursos. Eu tinha vários percursos. Pode ser história política, pode ser história social, pode ser história isso, história aquilo, sexualidade, o que você quiser, vamos discutir o que vocês quiserem. Às vezes passava o dia inteiro no cemitério, num programa de rachar a cabeça de qualquer um, em dia de calor, e o pessoal ficava. O pessoal ia, ficava. Podia levar a namorada, namorado, pai, avô, padrinho, tio, quem quisesse podia ir, formava aquelas multidões e eu dando minha aula lá. Hoje quem continua comisso é a Fraya Frehse, que foi minha aluna, eu falei: “Fraya *não desista disso*. Isso aqui você tem que ir”. Ela catava os alunos e vai para a rua, para o cemitério. E também eu ia para a rua. A rua é importante. Muitos alunos na USP, hoje, que vem das famílias da classe média e tal, eles não sabem o que é um bairro operário, eles não têm ideia do que é, eles não sabem o que é favela. Nós temos favela aqui no fundo, não sabem o que é favela. Já levei meus alunos várias vezes aqui. E não é para mostrar o pobre, porque isso também tem que discutir a ética na coisa, é para aprender, conversa com eles, eles sabem o que dizer, eles são o primeiro informante interpretativo, porque muitos sabem explicar porque eles estão naquela situação. Fiz muito isso. E uma coisa que eu gostava de fazer, que é genial... Houve uma época que era moda ler Foucault aqui, todo mundo queria ler Foucault. Mesmo quem não usava Foucault lia Foucault. Eu não usava na minha bibliografia, mas fazia muita referência ao Foucault. Em São Paulo duas... Você comparar casas, isso vem do Bastide, aqui perto, na entrada da universidade tem a Casa do Bandeirante, é uma casa do século XVII, provavelmente século XVIII, foi preservada, é uma espécie de museu, um parque bonito, bem aqui, você vai a pé. Eu levava os alunos lá e mostrava o que era uma casa brasileira do século XVIII, toda divisão, lugar de mulher está bem definido, lugar de homem, quem não é da casa também está bem definido, fica do lado de fora, se for hóspede vai para um quarto que não tem comunicação com a casa, tem a capela com uma janelinha que dava para dentro da casa para a mulherada não se misturar com os escravos, o pessoal de fora, ou seja, uma sociedade bem organizada. Você usar a casa como um documento. Depois tem uma outra casa, em Paranapiacaba, que é uma vila ferroviária no alto da serra, que era o ponto, o trem... A serra é assim, com uma inclinação brutal; em 1860, tinha uma máquina que puxava o trem, quer dizer, puxava o trem assim, o trem que descia puxava o trem que subia, coisa genial que os ingleses fizeram. E tem a vila de Paranapiacaba nesse ponto, que é uma estação enorme, a elite que viajava de trem

para a Europa, não sei que, fazia banquetes nessa estação de Paranapiacaba porque tinha que esperar, que são dois carros de cada vez, então tinha uma meia hora, 40 minutos de espera, então tinha jantares, coquetéis e tarará, e a vila operária toda ali em volta. Mas a vila é pensada na perspectiva do panóptico do Foucault, justamente, do *Vigiar e punir*, é o panóptico. A vila de Paranapiacaba é o panóptico, está certo? Foi escolhida a propósito, tudo foi feito a propósito. Eu morei em Cambridge, a primeira vez, numa casa que era bem isso aí, casa de 1840, tem a rua de trás e a rua da frente, a rua do sujo, a rua do limpo. Quer dizer, por aqui saio lixo, entra o carvão, não sei que, e por aqui entra visitas, pessoas bem arrumadas e tarará. Aqui entra o que você pode mostrar, aqui sai o que você não quer mostrar. Tudo bem arrumadinho e tal, o que dá para ver e o que não dá para ver. Paranapiacaba é isso, ela tem a rua de trás e a rua da frente, vila operária. Ela é toda distribuída de tal maneira, em volta, à beira da estação ferroviária, em volta de um pequeno morro, em cima do qual fica a casa que era do engenheiro, o inglês, engenheiro da estrada de ferro. Essa casa tinha janela de todos os lados. Então indo lá – eu levava os alunos lá – vocês percorrem a casa, de qualquer lugar você vê a vila todinha, você vê frente e fundo da casa, todo mundo fica visível. O único problema de Paranapiacaba é que tem uma neblina brutal, [risos] mas a neblina de Paranapiacaba é fouconiana, ela vem de repente e de repente ela vai embora. Então não adianta querer fazer qualquer besteira enquanto a neblina cobre a vila, porque em fração de segundos ela some, que tem um canyon que traz da serra o vento vem de repente e leva tudo embora. [risos] Existe um filme, se vocês puderem ver, vejam. A propósito de uma série de crimes ocorridos em Paranapiacaba, mesmo nos anos 30, durante o Estado Novo, chamado *Doramundo*, um filme do João Batista Andrade. Que os crimes usam justamente o fato do visível e invisível em Paranapiacaba. Um jornalista documentou essa história toda, e o João Batista fez esse filme. Eu levo os alunos, aí eles podem comparar a base da estrutura da casa brasileira, mesmo com a chegada dos ingleses e da modernidade, que é a visibilidade e invisibilidade das pessoas, quem pode ser visto, quem não pode, como, em que condições. A casa de Paranapiacaba é toda exposta, enquanto que a casa brasileira do século XVIII é exatamente o contrário. É uma inversão completa da casa. A modernidade chega ao Brasil em Paranapiacaba. Se você pensar modernidade como a perda da privacidade, a falsa privacidade, a razão presidindo tudo, você fica exposto sem saber que está exposto, você democraticamente é dono dos seus direitos, mas você não manda na sua vida porque o cara está olhando e te demite no fim do dia se você fez qualquer bobagem, até traição de marido e mulher, o inglês via, e mandava chamar e punha no olho da rua os dois. Então

vocês têm que aprender a ver as coisas através das mediações também. As mediações são importantes para o sociólogo entender o mundo em que as pessoas vivem, a sociedade em que vive, a mediação é importante. A rua e tudo o que acontece, o cemitério, e isso eu fiz o tempo todo. Hoje a Fraya faz isso.

C.C. - Ótimo. O senhor mencionou Cambridge algumas vezes, apesar de ter feito essa carreira toda na USP, foi um momento importante. O senhor, na cátedra, seguiu-se a Celso Furtado e Florestan?

J.M. – Não, Florestan nunca foi, Fernando Henrique.

C.C. – Oh, perdão, Celso Furtado e Fernando Henrique.

J.M. - Eu fui o terceiro.

C.C. - Dois dos seus...

J.M. - Das minhas referências, exatamente.

C.C. - Na sua própria entrevista surgiram. Como foi essa experiência em Cambridge, para além da dimensão de consagração, vamos dizer assim?

J.M. - Cambridge foi assim, antes de Cambridge, eu um dia recebo um telefone da Verena Stockler, se lembram dela, não é? Alemã, que estudou em Oxford, e ela tinha recebido um pedido de um professor de Oxford...de...Sussex, tinha sido colega dela em Oxford, David Lena, para indicar um brasileiro para ir assistir um seminário de 45 dias sobre reforma agrária na universidade de Sussex. Era um seminário promovido pelo governo inglês, e com gente do mundo inteiro. Era um curso não curso. E ela indicou José Cesar Gnaccarini, que era meu colega aqui na faculdade. E o Gnaccarini não quis ir. O Gnaccarini é muito tímido, isso atrapalhou muito a carreira dele, uma grande cabeça, um grande sociólogo, está aposentado, Gnaccarini não quis ir. Aí a Verena, que me conhecia, perguntou se eu não queria ir, que o Gnaccarini não tinha aceito. Eu falei, bom, eu, disse a ela, vou falar com o Gnaccarini primeiro. Vou insistir com ele para ele ir. É importante ele ir. Ele é um caipira de Piracicaba. E ele é fechado, sabe? Uma pessoa afável, simpática, mas... E o César: “não, não, não”, começou a ficar nervoso com a insistência, aí eu falei para a Verena: “eu vou”. Vai perder a bolsa, eu vou. Aí eu fui para Sussex, fiquei os 45 dias, foi utilíssimo. Tinha gente do mundo inteiro, até de país que eu não sabia que existia, mas tinha lá. E os conferencistas eram todos gente de primeira linha. A gente repassou as reformas agrárias no mundo inteiro. Gente que estava envolvida em projetos de reforma agrária. Eu fiquei sabendo de fato o que era reforma agrária no seminário de Sussex. E eu vim embora. Um belo dia eu recebo uma carta do David Lema, que estava

agora em Cambridge, dizendo que eles queriam me convidar para ir para lá como *visiting scholar*, por seis meses. Eu aceitei, porque eu estava cansado aqui, eu precisava sair. Isso foi em 76, um período duro da ditadura, o período que eu também estou dando minha virada aqui, seminário da pós, seminário sobre o Marx, sobre a dialética, o curso de vida cotidiana, para começar a pesquisa da Amazônia. Aí fui, fui com a família, foi muito bom, eu não conhecia nenhuma universidade estrangeira e fui para uma grande universidade, uma *senhora* universidade, com todas... A biblioteca lá não era essa biblioteca que nós temos hoje que é maravilhosa, ainda eram aquelas estantes, meia dúzia... Aquela *senhora* biblioteca, que você vai ao livro, você não tem que pedir para ninguém pegar o livro para você e tal. Eu me esbaldei, aquilo foi uma *indecência*. Eles pagavam, pagaram a passagem, aí fiquei lá seis meses, sete meses. E voltei com a cabeça totalmente mudada. Eu acho que ali confirmava, numa escala impensada, o que era a universidade que os franceses quiseram criar aqui, deixaram sementes, tal. Li muita coisa que não tinha lido antes, pude ler, tinha muita revista atualizada, essa coisa toda, e dali um tempo eu já estava na pesquisa da Amazônia, eu recebo um outro convite para ir para a universidade da Flórida, Gainesville, que é uma bela universidade.

C.C. – Eu fiz sanduiche lá.

J.M. - É. Adorei, adorei Gainesville, era uma *senhora* universidade, uma biblioteca maravilhosa, assim... Sempre biblioteca para mim é a referência.

C.C. – Eu lembro que tinha mais edições de Gilberto Freyre do que na Biblioteca Nacional, quando cheguei em Gainesville.

J.M. - É isso mesmo. E tinha Gilberto Freyre, vendida às primeiras edições, naquela livraria...

C.C. - *Casa Grande e Senzala* você tinha 20 edições em Gainesville e na Biblioteca Nacional tinha menos, era impressionante. Eles têm a coleção...

J.M. - Porque andou por lá Charles Wagley, quando eu estive lá, ele era o homem. E estava chegando o Marvin Harris, que vinha da Colômbia, e que acabou aceitando ir para Gainesville, fizeram um convite tentador para ele, e eu assisti o concurso do Sidney Mintz, que também queria ir para Gainesville, e acho que acabou indo, não sei. O certo é que, bom, aluguei uma casa de uma professora, num bairro todo cheio de árvore em volta, não tinha cerca, não tinha nada, perto da casa da Marianne Schminck, fez pesquisa sobre a Amazônia. O forte deles era Amazônia. Aí também foi uma *senhora* experiência. Um belo dia eu estou em Verona, na Itália, fui dar um curso em Verona, e toca o telefone, na portaria me chamam, era o David Lema me

telefonando de Cambridge dizendo que meu nome tinha sido proposto para a cátedra Símon Bolívar e eu ia disputar com o escritor mexicano lá, famoso, Carlos...

H.B. – Carlos Fuentes?

J.M. – Carlos Fuentes. Eu falei: “olha, David, com Carlos Fuentes eu não disputo nada, porque eu sou *admirador* do Carlos Fuentes. Eu acho um absurdo que vocês ponham em disputa isso, vocês têm que convidar o Carlos Fuentes pura e simplesmente, é um ganho para Cambridge.” Ele ainda insistiu e tal, eu falei: “não, é Carlos Fuentes, eu voto no Carlos Fuentes.” [risos] Aí ficou por isso. Um ano ou dois depois, eu recebo um telefonema, seis horas da manhã. Olha: “você foi eleito titular da cátedra Símon Bolívar, ontem.” Então já não era mais me consultar se eu ia ou não, estava eleito. “E precisamos saber se você aceita.” Eu falei: “seis horas da manhã, acordado pelo toque do telefone, eu não decido absolutamente nada, eu tenho que falar com a família”, porque era um ano em Cambridge e tal. “Em princípio, sim, mas eu tenho que conversar com o pessoal, depois eu dou uma resposta.” Aí passou uns dias, demorou um pouco, e recebo uma carta da senhora que ia ser a minha secretária, a cátedra tem uma secretária, o que causa inveja para todo mundo em Cambridge, em Cambridge não tem essa história, e ela diz: “Olha, José, você não pense muito porque nunca aconteceu de alguém dizer não para essa cátedra.” Tinha dois prêmios Nobel na cátedra, Octávio Paz, que acho que é prêmio Nobel, e Vargas Llosa, aí eu escrevi imediatamente dizendo: “sim, tudo bem, vamos, estamos organizados para ir”. Aí chega outra carta que é o Trinity Hall College que me elegeu *fellow*, que são instituições totalmente separadas. Não há muitos *professors* em Cambridge, que é o *catedrático*, então quando aparece um, os *college* saem correndo atrás para agarrar o fulano, porque não faz nenhuma diferença para eles. Tem lá uma coisa de prestígio, não sei bem como é isso. Aí o Trinity Hall pulou primeiro, me elegeu. Foram supersimpáticos. Foi minha sorte, por várias razões, primeiro a melhor cozinha dos *college* do Cambridge, [risos] melhor adega dos *college* de Cambridge, [risos] todo *college* tem sua adega. *College* pequeno, eu fui o 40º *fellow* do *college*. Então você conhece todo mundo, você vira amigo de todo mundo, um *college* que não tem conflito, não tem problema, não tem nada, é super *college*, acolhedor, simpático e tal. Aí passei um ano. A vinculação com o *college* é importante também porque você fica vinculado para o resto da sua vida. Você não é um ativo, mas sempre que eu vou a Cambridge...

C.C. - *Fellow* para sempre.

J.M. - Para sempre, *forever*. Sempre que eu vou a Cambridge eu fico no *college*. Agora mesmo eu tenho que ir para o lançamento desse livro, o *college* já colocou um apartamento a minha

disposição. Tenho lá meus *did the writers*, aquelas histórias todas que a gente sabe. Então Cambridge foi muito bom, eu dei um curso, tive mais alunos que o Vargas Llosa, que o Vargas Llosa teve três catados a força, não tinha alunos para ele. Não é porque ele não mereça, obviamente, é que tem tanto curso, tanta conferência, tanto trololó, que o único professor dessa cátedra que fez sucesso foi o padre Gustavo Gutierrez, o pai da Teologia da Libertação. A escola de teologia em Cambridge é fortíssima.

C.C. - E não são tantos alunos também, são universidades pequenos em termos de alunos, nove mil, sei lá, uma coisa assim. Oxford também.

J.M. - Pequena, ela é muito pequena. É, tem cinco alunos na sala de aula. E boa parte da atividade é na biblioteca. O aluno tem a chave da biblioteca. Ele tem que se virar na biblioteca. O professor canta lá o refrão, e ele vai se virar e resolver. E é um curso em que o aluno mora no *college* e é 24 horas por dia. Na época de exame, eu me lembro, as vezes ia na casa de algum amigo, voltava para o *college*, a biblioteca estava toda acesa as duas da manhã, cheia de aluno. Eles tinham a chave, entravam. Porque também tinha o seguinte, se for reprovado numa disciplina o aluno é expulso da universidade. Não tem... Único choro e vela que ele tem é que ele pode recorrer ao juiz da universidade, tem um juiz, e apresentar as razões. Mas ele tem que recorrer também ao corpo governativo do *college*, são dois julgamentos. Eu participei do julgamento de dois casos. E claro que tem possibilidade de reverter. Às vezes o aluno... Um dos casos que nós tivemos foi que os pais se separaram e o menino ficou responsável pela mãe, por sustentar a família, ele teve que trabalhar, que lá em Cambridge não se concebe isso, você tem que só estudar. Então ele trabalhava a noite numa fábrica de sanduiches e estudava de dia, ele ia dormir na sala de aula ou na biblioteca, e aí foi reprovado. Quando finalmente ele confessou, quando ele viu que ia ser expulso, ele muito envergonhado contou, “não tem alternativa porque não posso abandonar minha mãe.” A gente se reuniu, examinou e resolvemos dar uma bolsa para ele se sustentar, sustentar a mãe, e tudo que ele precisasse, até terminar o curso direitinho, como se deve, e um dos professores na área dele, que é Literatura, foi designado como tutor para que ele pudesse... E o outro, que era um pilantra, passava o dia namorando, no rio remando, aquele rio maravilhoso, foi expulso com uma recomendação que se o juiz aceitar o argumento dele, ele pode voltar para a universidade, mas não para este *college*. É bem drástico. Você vê no dia que publicam as notas, no senado da universidade, muita gente chorando. É como diz um dos meus amigos professores lá que foi tutor do príncipe Charles, é expulso do paraíso, e é isso mesmo.

C.C. - Só uma provocação biográfica, não me lembrava do palacete que o senhor ia estudar, entrando em Cambridge, aquela universidade tão...

H.B. - Nós temos que trocar a fita.

C.C. – Poxa...

T.B. – Só se você falar em quatro minutos.

J.M. - Não sei se dá, acho que dá. Não entendi, desculpa.

C.C. - O senhor mencionou o senhor chegando para estudar no palacete com aquela professora inglesa, aquele ambiente. Cambridge quando se chega à primeira vez é um impacto, para quem vem...

J.M. - Mas aí eu era um membro. E na escolinha de inglês lá da professora, eu não era... Uma coisa maravilhosa de Cambridge, eu acho que da Inglaterra, é que eles são muito distantes, no geral. Mas em um *college* da universidade quando você entra se torna membro porque eles te escolheram, você não precisa nem falar inglês, eles entendem tudo que você fala. Você passa a ser tratado como um igual e membro, com todo respeito, toda consideração; até hoje, eu chego, eu sou tratado por todos com a maior... Já faz 20 anos que eu... Isso é uma coisa que a professorinha não sabia que ia acontecer comigo. [risos].

C.C. - Vingança biográfica.

J.M. - Vingança.

[FINAL DE ARQUIVO III]

C.C. - Para completar essa sua experiência em Gainesville, em Cambridge, o senhor teve uma bolsa da Universidade de Lisboa?

J.M. - Foi, a luso.

C.C. – 2000, não é? Nós temos aqui nossos colegas.

A.C. – Falaste sobre isso no Instituto.

J.M. - É, acho que foi o Machado Pais que propôs. O Machado Pais acho que é o sociólogo português que tem mais contatos aqui no Brasil atualmente. Ele é muito virador, quer dizer, ele vai para tudo quanto é canto, faz pesquisa e tal.

C.C. - Nos deu uma entrevista memorável.

J.M. - Ele é absolutamente extraordinário. Então me convidaram, eu fui, fiz umas palestras que era sobre vida cotidiana. O Machado Pais, eu o conheci em Fortaleza há *muitos* anos, quando

eu fiz várias conferências sobre a sociologia da vida cotidiana. E foi lá que ele se interessou pelo tema.

A.C. - Ele ensina isso.

J.M. - Exatamente, faz pesquisa sobre isso. Aí quando houve uma oportunidade ele me convidou para ir a Lisboa, que foi ótimo. Eu tenho uma relação com Portugal que é muito a relação de ser filho de uma família de portugueses. Eu sempre me emociono quando vou a Portugal. Minha mulher nunca entende a minha emoção, ela é descendente de italianos, não pode entender. Mas foi muito bom. Eu gostei dos alunos, eu achei... eram alunos interessados, conversadores, fomos almoçar juntos, trocar ideias, faziam perguntas, bem-humorados, bem vivos, assim, foi uma bela experiência. Aquele instituto é muito excepcional. É excepcional. É um milagre que tenham feito aquele instituto, num período em que as ciências sociais não são valorizadas.

C.C. - Com o meio acadêmico, com a produção Ciências Sociais em Portugal, o senhor não tinha tido contato antes, mais sistemático?

J.M. - Não. Esse foi um primeiro contato, depois eu voltei várias vezes ao instituto, porque sempre tem lá o ciclo de conferências, seminários e tal, e aí conheci mais pessoas. E agora estive nesse congresso, nesse seminário, simpósio acho que foi, que foi em Lisboa e foi... minha cabeça não está boa, eu vou ter que fazer um exame médico daqui a pouco, estou até com medo.

C.C. - Porto? Coimbra?

J.M. - Não, não...

C.C. - Évora?

J.M. - Évora!

C.C. - Que é uma cidade linda.

J.M. - Linda. Aí fui a Évora. O grupo era mais compacto, almoçamos juntos, e aí revi pessoas que eu conhecia, vários, a gente conversou e tal. É muito interessante. A diferença entre vocês e nós, é que a Sociologia se difundiu aqui antes de se difundir em Portugal, na Itália e em Cambridge. A Sociologia chegou tardiamente a Cambridge. Lá era Antropologia social. Na Itália também foi muito tardio. Então vocês são sociólogos de uma geração que não tem que pagar tributo a um passado muito remoto, que nós aqui ainda temos que pagar esse tributo. Então vocês são a Sociologia moderna, tem mais espaço para pensar. São, é que vocês não valorizam, mas eu acho...

A.C. - Não, eu acho que somos, sim.

J.M. - Isso pesa muito e...

A.C. - Mas o historial aqui é importantíssimo.

J.M. - Sim, é, mas a gente está amarrado a algumas coisas que eu acho atrapalha um pouco. Mas eu acho que realmente é interessante. Esse contato com Portugal tem que se robustecer, no meu modo de ver. Muitos acham que é apenas uma ponte com Europa, eu não acho que seja, porque Portugal é Portugal. Da mesma forma que a Espanha é Espanha, embora menos Espanha – Espanha, e talvez mais Europa. Mas Portugal é Portugal, tem uma... Nós temos a barreira da língua com os outros países, isso é um drama sério. Mas é uma vantagem, que nos ajuda, nos força a não ficarmos imitando os franceses, que eu acho doloroso.

H.B. - Professor, o senhor falou de um passado que atrapalha, que a gente tem sempre que lidar com ele, como o senhor vê a Ciências Sociais hoje, quer dizer, o que o senhor acha já com essa trajetória tão rica de experiência, de publicação, de conhecimento aqui e fora, como o senhor vê, hoje, o que seria a formação mais interessante para o jovem?

C.C. - É, um jovem entrando para fazer Ciências Sociais?

J.M. - Olha, eu tenho dito, disse isso numa conferência no Rio Grande do Sul. Nós temos que retornar a poesia que havia nas Ciências Sociais, na Sociologia em especial. Os antropólogos, no Brasil, foram muito mais criativos e mais poéticos do que os sociólogos. Os sociólogos foram encolhendo para a temática. Vocês olhem essa parede aqui, tem dos livros, do lado de fora, publicados nos últimos anos pelos professores aqui do departamento, vejam os temas, vejam os temas que estão afixados aqui convidando para concursos, seminários e não sei que. Não tem nada a ver com a sociologia que nós tínhamos aqui, que foi uma sociologia linda. O Florestan fazia pesquisa sobre criança. A pesquisa que o Bastide conduziu sobre o negro, ela é *fascinante*. O Bastide estudou o sonho do negro, não o sonho político, o sonho, o cara dorme e sonha. Aquele trabalho dele sobre o sonho é uma coisa *fantástica*, porque uma coisa é clara, se você não sonha como negro, você não é negro, propriamente, está certo? Para você ser negro você tem que estar mergulhado no imaginário da negritude, dos seus ancestrais, do mundo de onde você veio. O negro que nós temos hoje no Brasil é um negro que rompeu com tudo em nome do passado que ele não conhece. E os sociólogos se deixaram instrumentalizar por uma série de temas que eu acho que são menores, se você comparar com a Antropologia, a Antropologia capturou todos os grandes temas da sociologia, desde urbano...

C.C. - Autores inclusive, que eram sociólogos, passaram a ser antropólogos.

J.M. – Antropólogos, é. Aqui não, os nossos antropólogos continuam criativos, mas os sociólogos foram ficando encurralados.

M.G. - E tem uma interpretação para esse processo de afunilamento?

J.M. – Eu tenho. Uma interpretação que eu faço é que houve uma ruptura com o passado, que não existiu no meu caso, não existiu no caso de duas ou três pessoas, então há um abismo, que é a cassação dos professores na USP. De repente, de noite, a *Voz do Brasil* que era o programa oficial, é, do governo brasileiro, anuncia: “estão cassados!” No dia seguinte eles não podiam nem entrar na universidade. Então isso...

C.C. - Quer dizer, a renovação quebrou com essa tradição.

J.M. - Quebrou porque não foi feita em nome de alguma coisa, quer dizer, foi improvisada. Nós tivemos que improvisar a renovação. E aí o catedrático tinha uma autoridade moral e intelectual. Nós não tínhamos, então esse grupo que veio foi fazendo o que achava que devia. Houve uma influência que hoje eu considero muito complicada, que foi a chamada Sociologia do desenvolvimento, aqui, que puxou muito para temas econômicos. E nós deixamos de fazer a sociologia do Antônio Cândido, a sociologia do Florestan, mesmo uma sociologia do Fernando Henrique dos primeiros trabalhos tem coisas... a própria tese. Então eu acho que eu a gente perdeu o elo. Sabe, o trem vai andando e corta aquela corrente que puxa os carros e vai embora e fica. Foi isso que aconteceu, eu acho que nós nos perdemos aí e não conseguimos nunca mais recuperar, e acho que não vamos conseguir. Isso se reflete na SBS, porque pelo visto não aconteceu só aqui, por outros motivos aconteceu em outros lugares. Pega o catálogo de temas da reunião da SBS e o catálogo de temas da Antropologia. Você tem vontade de se transferir para a Antropologia.

C.C. - O senhor não pensou em se transferir? [risos]

J.M. - Pensei várias vezes. [risos] Várias vezes. Tanto que quase eu fui para Brasília Quem me convidou para ir para Brasília foi o Roberto Cardoso de Oliveira.

C.C. - A História também se diversificou.

J.M. - Claro.

C.C. - Vamos dizer, não sei qual adjetivo usar, não quero colocar na sua palavra, mas em comparação com a Sociologia, que ficou talvez mais presa e refém a alguns temas, talvez um pouco desencarnado se comparados com essa mais poética, como o senhor colocou, a História também teve... embora tenha História econômica, também uma grande...

J.M. - Ah, eles perderam muita coisa. Sim. Os dois grandes raptos aqui, foi a Antropologia e a Geografia. Geografia também roubou um bocado de temas da Sociologia, sem ter o mesmo aparato conceitual e teórico para poder lidar com o tema. Mas dá uma olhada no catálogo dos cursos da Geografia, para você ver. A Sociologia foi para lá.

M.G. - É uma tomada de consciência e há uma partilha dessa opinião junto...

J.M. - Não, eu sou um solitário aqui, nesse sentido, só eu penso assim.

H.B. - O contra-argumento é qual?

J.M. - Nenhum. Eles acham que eles não precisam argumentar. [risos] Devem achar que eu sou senil, [risos] que estando aposentado, não opino mais, não mando mais, não decido mais e, portanto não vale a pena me ouvir. Vão me ouvir agora na SBS porque vai ter...

H.B. - Vai abrir. Vou lá te ouvir. Mas o senhor quando está fazendo essa avaliação...

C.C. - Com a Fraya que é antropóloga aqui.

J.M. - A Fraya, exatamente. Mas eu sugeri a Fraya quando ela foi fazer a pós, eu falei: "vá para Antropologia, porque nós temos que reatar o diálogo com a Antropologia." E ela é *a* figura, não é a única, obviamente não quero ser injusto, mas ela é *a* figura do reencontro, o elo perdido, é por aí. E acho que ela tem um papel... Ela é muito dinâmica, é muito criativa, muito sociável e muito...

A.C. - Ela estava em Portugal também.

J.M. - Sim. Ela não deixa ninguém ficar bocejando perto dela, então...

C.C. - Uma jornada de estudos urbanos ela teve, essa semana.

J.M. - Ela está fazendo uma pesquisa, está terminando, que ela fica lá na praça da Sé. Os nossos sociólogos aqui nunca fariam isso. A praça da Sé, hoje é o fim do mundo porque não é mais ou que ela foi, o grande centro de São Paulo, é lugar de mendigo, traficante, ladrão, crack, gente desamparada, ela agora acaba de se manifestar sobre a morte de uma moradora de rua, com quem ela conversava frequentemente, e ela provavelmente foi a última pessoa a conversar com ela, fez uma entrevista com ela. Ela se manifestou indignada, ela soltou os cachorros, como a gente diz, foi ao enterro da mulher, a única pessoa, ia ser enterrada como indigente. E foi, puxou alunos e tal, e ela fica observando. Não adianta ficar fazendo pergunta, essa sociologia falativa, ela não é necessariamente uma grande sociologia. É necessário, mas não é uma grande sociologia. Às vezes é preciso ficar olhando para ver o que as pessoas fazem, que é o que os antropólogos fazem nas aldeias, não é isso? Eles ficam lá olhando para ver o que acontece,

como o sujeito se coça, como ele planta, como ele caça, como ele fala, tem que ser por aí, dialogar com o silêncio é uma coisa importante.

H.B. - Eu fiquei curiosa em saber se essa ruptura, que o senhor identificou, tem que ver também com uma certa maneira de trabalhar, porque o catedrático tinha uma equipe e tinha um sentido de grupo mais forte do que...

C.C. - Projeto coletivo.

J.M. - Tinha.

H.B. - É, um projeto coletivo mais do que essa individualização, e por isso até o senhor está identificando isso na SBS, por exemplo. É um fenômeno maior do que... A USP podia ter escapado porque teve um começo diferente, mas que foi interrompido.

J.M. - É. Aqui o Florestan tinha um projeto famoso que é *Economia e sociedade no Brasil*. Pôs esse nome de economia porque foi uma época em que eles estavam tentando obter recursos da Confederação Nacional da Indústria, via o Fernando Henrique e o Gasparian, que era amigo do Fernando Henrique, que era ligado à diretoria, e era um cara nacionalista, de esquerda, tal. E, também, o Florestan acreditava que a Federação das Indústrias, isso antes do golpe, obviamente, poderia. Ele chegou a fazer conferências sobre sociologia aplicada na Federação das Indústrias. Então, e claro, também era o projeto nacional desenvolvimentista da Sociologia da USP. Quer dizer, como nós íamos entrar nessa grande mudança política...

C.C. - Revolução burguesa também.

J.M. - Exatamente. Meu primeiro trabalho foi sobre revolução burguesa, *O plano trienal e a revolução burguesa no Brasil*, na *Brasiliense*. Mas então, mas o projeto todo está lá. Aquele projeto se dispersava nos trabalhos de todos nós. Então tinha desde o maravilhoso estudo da Marialice Foracchi sobre juventude, que foi o primeiro trabalho, eu acho, que se fez no Brasil sobre o tema, até o do Luiz Pereira, que foi o projeto no qual eu me engajei como auxiliar, que era sobre como as fábricas educavam seus operários, não era questão de formar mão-de-obra, como elas educavam. Esse projeto foi sepultado no golpe. No golpe já ficou claro que ele não tinha viabilidade, e com as cassações, quatro anos depois, então... O fim. A ditadura foi mais nociva do que nós podemos imaginar. Toda ditadura é.

H.B. - E há processos que nem se percebe no momento.

J.M. - No dia a dia você acha que não vai acontecer. Esse foi um problema terrível aqui, porque a gente sempre achava: “não, com a gente não vai acontecer”. Eu lembro do Luiz Pereira dizendo, quando começaram a prender gente, o Luiz Pereira: “não, eles estão só prendendo

quem de fato está envolvido em alguma conspiração armada.” Na verdade, não era só isso, vários dos nossos professores foram para a cadeia.

H.B. - Esses processos violentos são muito assim, o Bendix conta isso da geração, todos os intelectuais da Alemanha que não se acreditava, não era possível.

C.C. - A necessidade de autorreprodução da própria repressão faz com que se produza cada vez mais insumos para manter seu... Mas o senhor falou que achava que precisava recuperar um pouco da poesia da sociologia, mas difícil imaginar como isto acontece quando já tem uma tradição.

J.M. - É possível uma poesia sem métrica nem rima, mas dá... [risos]

C.C. - Poesia pós-moderna.

J.M. - Eu acho o seguinte, eu até disse lá no Rio Grande do Sul e repeti depois, se eu fosse dar de novo o curso de Introdução a Sociologia, eu faria o pessoal ler literatura, antes de mais nada: José Lins do Rego, Guimarães Rosa, sei lá, Castro Alves, Machado de Assis, pegaria vários desses autores, mesmo Mario de Andrade, os modernos, faria ler literatura. Guimarães Rosa, caramba, aquele texto é sociológico, faria ler, entendeu? Começar por aí, e dialogava. Não é fazer da literatura uma sociologia, mas mostrar que existe uma visão socialmente sociológica na literatura que é bom saber. Num país em que a gente não conhece o Brasil, são poucos os brasileiros que conhecem o Brasil. Eu fui conhecer o Brasil na pesquisa da Amazônia, aí corri o Brasil inteiro, fui ao Nordeste, fui a vários lugares. E o Brasil é um país fascinante, é um país poético, é um país bonito, ele está na literatura, mas ele não está na Sociologia. A Sociologia ela recortou o Brasil, transformou o Brasil em pedaços. Porque não está esse Brasil... a mística do Brasil, existe uma mística do Brasil, porque não está na nossa Sociologia, porque não está essa... Não é patriotada, eu não sou disso, eu nem fiz o serviço militar. [risos] Mas tem uma coisa. O que nos faz diferentes dos argentinos, por exemplo, ou dos americanos? Tem alguma coisa que nos faz diferentes. Tão diferentes que a gente vai para os Estados Unidos e é barrado invariavelmente, ou então, agora a gente tem inveja dos argentinos porque eles tem um papa, uma rainha da Holanda, vão ter outra rainha que é da Espanha logo que mudar o rei, cinco prêmios Nobel, nós não temos nenhum, e tem o Messi, então, olha, não dá para ter raiva, a gente tem que ter inveja mesmo. [risos]

H.B. - Nós vamos fazer uma pergunta difícil agora. Talvez não seja, com essa riqueza toda de depoimento. Se o senhor tivesse que escolher um livro que tenha tido um impacto na sua maneira de pensar a vida e sua sensibilidade, e a própria Sociologia, seria possível?

J.M. - Não vou dizer que foi a Bíblia. [risos] Até poderia dizer por que eu fui protestante uma certa fase da minha vida, não, não foi a Bíblia de jeito nenhum. Qualquer livro? Sempre são vários livros, nunca é um livro. Eu reli agora, acabei de reler *Grande Sertão: Veredas*. Uma das coisas boas da vida é *reler* livros. Eu acho que inconscientemente *Grande Sertão* foi um livro que me marcou muito, muito mais do que eu pude perceber naquela época. Mas tem um livrinho do Machado de Assis que me marcou muito também, que ninguém lê, *O alienista*.

C.C. - *O alienista!* É fantástico.

J.M. - É um senhor livro. A gente vive nessa sociedade, ela é assim, *O alienista*, genial.

C.C. - E menor. Mais fácil dos alunos lerem, que o *Grande sertão*.

J.M. - Mais fácil para eles lerem, claro. *Grande Sertão* é um desafio. Aqui na USP tem um... especialmente em Letras, chamados “Loucos por Rosa”, que é o pessoal que costuma ir a Minas fazer excursões, percorre os lugares sagrados da obra rosiana, Cordisburgo, e vão para o sertão e tal. Agora mesmo uma conhecida minha escreveu de lá, “estou aqui participando...”, ela é daqui, está lá fazendo essa peregrinação, romaria. Têm vários livros, eu acho. Olha, tem um outro que me marcou. Eu gosto de ler o que as pessoas não estão lendo, então isso não é uma coisa boa. Que é *O tronco*, do Bernardo Élis, que é um autor goiano, pouco lido, embora seja famoso, escreveu um livro sobre fatos reais acontecidos no norte de Goiás, *O tronco*, lembra um pouco a obra do Veríssimo, *O tempo e o vento*. Os episódios são muito parecidos. É, *O tempo e o vento*, também. Cada um desses autores tem... Apesar de ser paulista, eu gosto menos do Mario de Andrade do que desses autores. Eu também não gosto tanto do Jorge Amado, especialmente os trabalhos mais antigos. Tive o seminário sobre Marx aqui, eu acho que é um marxismo que eu não recomendaria para ninguém. Mas enfim, os trabalhos do fim da vida são interessantes, mas os mais antigos são muito marxismo vulgar stalinista, nem sempre dá para engolir. Nós temos excelentes autores. Eu começaria o curso, “oh, pessoal, vamos começar...” Em vez de fazer o que o Fernando Henrique fez com a minha turma, mandar ler Parsons, [risos] vamos ler Guimarães Rosa. Não é? Seria uma coisa boa.

M.G. - Pensa que esse seria um modo de dar um contributo novo, inovar para uma nova sociologia?

J.M. - Reencontrar a poesia que a Sociologia tem que ter. A ciência tem que ter poesia. A própria Física tem que ter poesia. Eu estou no Conselho Superior da Fapesp, a Fapesp publica uma revista chamada *Pesquisa*, que é *excelente, excelente*.

C.C. - É a melhor revista científica.

J.M. - É a melhor, não é?

C.C. - Sem dúvida.

J.M. - Não há uma matéria, a última foi sobre a mudança climática, que é a matéria principal deste último número, o Brasil está ficando mais quente, porém o Sul está ficando mais frio, com mais chuva, e o Nordeste está ficando mais seco. Isso é uma notícia triste, e ela é apresentada na perspectiva dos cientistas que estão trabalhando com isso, que veem as coisas com esperança. É uma coisa que a Sociologia perdeu no Brasil, perdeu a esperança.

M.G. - Teria que perguntar e então, nessa fase da sua trajetória, o que lhe parece que possa ser ainda seu contributo ao projeto em prol da Sociologia?

J.M. - Eu continuo publicando livros, tenho vários no forno, pendentes. Eu tenho uma vantagem, que eu tenho um espaço no jornal *O Estado de São Paulo*, que agora não é mais semanal, é quinzenal porque o caderno onde uma das colunas era publicado não funciona mais, e o jornal me obriga um diálogo diferente, porém sociológico, com a sociedade brasileira e com o mundo, e tal. Isso é um desafio que me põe ativo. E eu estou com livros pendentes. Eu fiz uma pesquisa enorme sobre linchamentos no Brasil. Continuo monitorando os casos. O Brasil é o país que mais lincha no mundo, provavelmente. Que é o Brasil que a gente quer esconder, o Brasil é um país *violento*, o povo brasileiro é *muito* violento, muito violento, muito. Cruel na violência, não é só violento. E eu tenho um livro arquitetado, e a pesquisa feita, que são mais de dois mil casos de linchamentos no Brasil inteiro.

C.C. – Desde os anos 40 que o senhor tem visto?

J.M. - Desde os anos 40. Mas vem crescendo. Nos últimos 20 anos... Depois da ditadura começou a crescer. Nós temos quatro a cinco linchamentos por semana no Brasil, linchamentos e tentativas. É uma barbaridade. É aqui e em Moçambique. Moçambique tem muito também. Em Moçambique eles lincham sociólogo, aqui ainda não. Houve um linchamento de um sociólogo faz duas semanas, em Moçambique. É verdade que era um sociólogo que estava dormindo com a mulher de um outro sujeito, mas aí não importa.

H.B. - Não é porque era sociólogo.

J.M. - Não é porque era sociólogo. Ainda bem, não é? [risos] Mas tem esse livro, eu tenho um conjunto de ensaios dispersos que eu vou acabar reunindo e publicando. Está saindo meu livro de memórias acadêmicas.

C.C. - Continuação?

J.M. - É...

H.B. - Mas tem um que já está datado 2013, eu não consegui encontrar.

J.M. - Mas é que não saiu, vai sair à semana que vem. Ele está pronto. Acho que o editor já está divulgando. Ele sai... É, acho que semana que vem ele está pronto. E aqui, não contem para ninguém, mas eu estou publicando um livro de poesia no fim do ano.

H.B. - Ah, que bom.

J.M. - Não é uma poesia de verdade, mas eu faço farol dizendo que é. Eu já fui uma tentativa de poeta, um dia na vida. E tive o *enorme* bom senso de um certo dia por tudo no fogo, queimar tudo. Eu estaria frito se tivessem descoberto aquela droga de poesia que eu fiz, entendeu? Então tem umas últimas... Não é poesia, não, são crônicas escritas com liberdade poética, que vai sair, chama *Desavessos* o livro. E tem a fotografia, que eu fotografo.

H.B. - É, e é uma maravilha.

J.M. - O livro de poesia que não é poesia, é crônica e fotografia. Cada fotografia é uma crônica, cada crônica uma fotografia que eu fiz em diferentes lugares e tal.

H.B. - Queria até ter feito uma pergunta que eu não fiz, o senhor fala de uma sociologia visual e com texto muito bom da fotografia. Acha que essa também é uma forma poética de...

J.M. - Eu acho que é, a minha sociologia visual, eu diria que é razoavelmente diferente da do Howard Becker que é o *pai* da sociologia visual, que é um grande sociólogo, muito criativo e tudo mais. Mas o Becker tem um pouco de receio de lidar sociologicamente com a fotografia.

C.C. - A mulher dele é fotógrafa.

J.M. - Ah, a mulher dele? Isso eu não sabia. Mas ele é fotógrafo também.

C.C. - Sim, mas a mulher é fotógrafa...

J.M. - Melhor que ele?

C.C. - Autodefinida como fotógrafa.

J.M. - Como é o nome dela?

C.C. - Diana.

J.M. - Becker?

C.C. - Não.

H.B. - Posso te passar depois.

J.M. - Não é uma que fotografa coisas estranhas?

M.G. - Não é a Diana Athos.

J.M. - Eu sei.

C.C. - Não. Posso conseguir, eu tenho...

J.M. - Porque ele é músico...

C.C. – Sim, toca jazz. Muito bom músico.

J.M. – Fotógrafo e sociólogo.

C.C. - Eu tenho um CD dele.

J.M. - E tem uma virtude importante: ele fala português, ele é português.

C.C. – É. Publicou Antônio Cândido. Traduziu e publicou Antônio Cândido.

J.M. - Traduziu Antônio Cândido.

H.B. - O senhor estava dizendo que...

J.M. - É diferente, porque eu não entro em conflito com o caráter polissêmico da fotografia. E ele tem dificuldades para lidar com isso porque ele tenta enquadrar em uma visão positivista a imagem fotográfica, por tentar tirar dali uma sociologia que ninguém vai dizer: “bem, isso não é sociologia”. Eu não tenho esse medo, eu acho que a fotografia não é um bom instrumento do conhecimento sociológico, da pesquisa, mas é um conhecimento importante porque te permite fazer uma sociologia, não uma sociologia visual como ele quer, mas uma sociologia do conhecimento visual, isto é, como as pessoas lidam com a fotografia. Que é uma coisa que, acho que o Bourdieu tem um livro, acho que sim. O Bourdieu trabalhou com mais liberdade essa fotografia. É o livro coletivo! O Bourdieu tem mais liberdade para lidar com a fotografia, com o caráter polissêmico da fotografia. A fotografia é um desafio de qualquer modo. Não é aquela fotografia da Margaret Mead, que ela fotografa o pente, ou a peça, ou a colher ou não sei que, que é coisa do antropólogo de uma certa época. Mas é uma fotografia que lida mais com o imaginário das pessoas. Acho que é por aí que dá para...

H.B. - *Blow Up*.

J.M. - *Blow Up* é uma...

H.B. - Belo texto.

J.M. - Belo texto, é.

C.C. - Muito bem, então, muito obrigado, essa entrevista foi um prazer.

H.B. - Obrigada, foi um privilégio.

J.M. - Desculpe a minha fala dispersiva...

[FIM DO DEPOIMENTO]

